T. 872898
Botelho & Costa, Lda.
ENCADERNADORES
QUIOSQUEIROS

MOSTEIRO DE BELEM

RELAÇÃO DA INSIGNE E REAL CASA

DE

SANTA MARIA DE BELEM

POR

FR. JACINTO DE S. MIGUEL
(HIERONYMITA)

RECENSÃO PUBLICADA E ACCRESCENTADA

DE

NOTAS E BIBLIOGRAPHIA

POR

Martinho Augusto Ferreira da Fonseca
DO INSTITUTO DE COIMBRA

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1901

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/mosteirodebelemr00jaci_0

MOSTEIRO DE BELEM

Consta a presente edição de mil exemplares numerados

N.º 476

Pertencente a

.....

MOSTEIRO DE BELEM

RELAÇÃO DA INSIGNE E REAL CASA

DE

SANTA MARIA DE BELEM

POR

FR. JACINTO DE S. MIGUEL
(HIERONYMITA)

RECENSÃO PUBLICADA E ACCRESCENTADA

DE

NOTAS E BIBLIOGRAPHIA

POR

Martinho Augusto Ferreira da Fonseca
DO INSTITUTO DE COIMBRA

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1901

PREFACIO

De todos os monumentos portuguezes é sem duvida alguma o mosteiro de Santa Maria de Belem um dos principaes, quer o encaremos pelo lado historico, quer o tomemos como padrão immorredoiro de um glorioso feito portuguez no seculo XVI, escripto com lettras de oiro na historia patria, para attestar a vindoiros o valor inexcedivel de nossos maiores.

A importancia da descoberta do caminho maritimo para a India, ha pouco tempo ainda tão brilhantemente celebrada, e á qual se deve aquelle monumento, foi de tal grandeza, de um tão alto valor historico e commercial, que bem se pode

considerar o primeiro feito dos portuguezes em toda a sua existencia, quiçá o maior do mundo.

Mas não é d'essa descoberta que nos pretendemos occupar; tal facto está de ha muito tratado com esmero em varias obras nacionaes e extrangeiras, não succedendo, porém, outro tanto com a descripção do edificio commemorativo, apesar do muito que a seu respeito se tem escripto,[1] tanto sob o ponto de vista historico como artistico, devido principalmente á falta de documentos authenticos, para auxiliar o investigador nos estudos que se vê forçado a emprehender; e assim são decorridos cerca de quatro seculos, sem haver ainda uma memoria descriptiva e completa, assente sobre base segura, d'aquelle magestoso edificio, mercê do pouco cuidado que merecem os nossos archivos e bibliothecas, áquelles a quem de direito importa zelar com veneração essas joias de inextimavel valor, não sendo raro encontrar-se, salvo bem poucas excepções, quem mais cure de interesses particulares que dos deveres do officio, a par de uma apregoada sabedoria, dando origem uns e outros factos ao extra-

[1] Vid. Bibliographia no final d'esta *Relação.*

vio de documentos valiosos, como o manuscripto hoje publicado, o qual, depois de vendido a peso com outros por inuteis n'um estabelecimento em Belem, veiu mais tarde parar ao mercado de S. Bento, onde o fallecido bibliophilo João Manuel de Carvalho o adquiriu, salvando assim talvez o mais valioso documento d'aquelle bello padrão da nossa passada grandeza.

Dando-nos conta da acquisição feita corremos a examinal-o até que o alcançámos, abrimol-o, devorámos uma a uma paginas ás vezes de tanta novidade, e, á medida que o estudo proseguia, viamos como que erguer-se ante os nossos olhos estupefactos, a magestosa fabrica do edificio, onde em cada pedra se lê uma estrophe palpitante de vida, de amor, de gloria!

*
* *

É o referido manuscripto no formato de folio com cerca de trezentas paginas e tem por titulo *Papeis varios* de Fr. Jacinto de S. Miguel,[2] con-

[2] Estes *Papeis* eram considerados perdidos. Vid. *Vasco da Gama e a Villa da Vidigueira*, por A. C. Teixeira de Aragão. Lisboa, 1898, pag. 103.

tendo além da presente *Relação* uma noticia dos monges illustres da Congregação de S. Jeronymo; o requerimento authographo de Fr. Jacinto de S. Miguel ao R.mo P. M. D. Prior Geral da Ordem de Christo Fr. Ricardo de Mello, que transcrevemos na integra, authenticando assim o presente trabalho;[3] copia dos documentos a que o citado requerimento se refere, bem como a Vida do Veneravel P.e Fr. Antonio de Lisboa e outros papeis.

Será talvez facil agora reconstituir a traça primitiva do edificio, seguindo a *Relação,* que nos deixou o illustre chronista, e isso bastava para a publicarmos; mas não se limita a esse facto o seu valor; outros assumptos ha de capital importan-

---

[3] R.mo P.e M. D. Prior G.al da Ordem de x.o—Diz Fr. Jac.to de S. Miguel, R.or do Coll.o de S. Jer.o de Coimbra, Chronista Geral da Ordem do mesmo Santo Doutor q̃ o supp.e estâ escreuendo a vida do Venerauel P.e Fr. Ant.o, de Lx.a p.a o q̃ depende de alguãs noticias q̃ se achão no Cartorio deste real Mostr.o de Thomar, por onde constão m.tas das acções do ditto P.e e de como reformou esta Ordem; a de S. Bernardo, fez auto da fê, e outras m.tas couzas dignas de honrada memoria. E porque hâ Excomunhão p.a não se deixar tirar memoria do ditto Cartorio por escritto sem Lic.a de V. R.ma—P. a V. R.ma seja servido dar licenca p.a o referido. E O D.—*Despacho* O P.e Guarda Mor do Cartorio passe do q̃ constar. (assignado) Fr. Ricardo de Mello D. Prior G.al.

cia, que chamaram a nossa attenção, como é a, posto que pequena, descripção da cruz mandada fazer e doada pelo rei D. Manuel, segundo se lê no seu testamento[4] como feita por Gil Vicente, indubitavelmente de valor não só como documento para a historia d'aquelle glorioso artista e da arte, como tambem por tornar conhecido o seu lavor, permittindo achar-se talvez o actual paradeiro, e conceber-se a esperança de futura reacquisição. A naturalidade do celebre architecto Boytac, ponto muito controverso,[5] parece-nos agora perfeitamente definido por fórma a não deixar duvidas; e, a proposito, occorre-nos perguntar: Que importa a nacionalidade extranha de Boytac, o ter sido outra a terra onde soltou os primeiros vagidos infantis, se no pensar e no sentir foi tão portuguez?

Deu-lhe a França o berço, mas a sua alma de artista nasceu aqui, foi ao calor do sol do nosso

---

[4] Vid. Provas da *Historia genealogica*... por Antonio Caetano de Sousa. Tomo II, pag. 328.

[5] Vid. Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal; coordenado por Sousa Viterbo. Vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional, 1899, pag. 120, n.º 88.

céo que se lhe incendeu o éstro, celebram-lhe as laçarias dos Jeronymos o renome, é-lhe a Batalha, em toda a pujança do seu gothico florido, o grandioso tumulo.

Os reis podem fazer quantos grandes do reino quizerem, mas só Deus podia ter feito um Boytac! disse-o elle[6] e está-o hoje, e sempre, dizendo esse marmore dos Jeronymos, em que vibra o cerebro de um artista genial, em que pulsa o coração de um povo.

No edificio, de traça primitiva mais magestosa ainda, nos pilares e abobadas, nos cabos e nas conchas, nas espheras armillares e nos altaneiros corucheus; desde o mais saliente da fabrica, até o ultimo pormenor da decoração, não está só a alma do artista, influenciada por uma inspiração divina, está toda a alma portugueza, que foi por sobre as ondas do mar tenebroso fazer raiar para todos os povos da terra a aurora de uma nova civilisação.

Passem e perpassem, embora, pela frente do

---

[6] Vid. pag. 57.

padrão que o grande cyclo alli commemora, os poderosos couraçados das nações, que, possuindo o ferro e o carvão, tenham o dominio dos mares; emquanto d'elle uma só pedra existir, ella attestará que não é possivel o apagar a memoria dos gloriosos descobridores e conquistadores, de que incessantemente nos falam as revoltas ondas dos immensos mares, e os territorios sem fim dos dois mundos, conservada por caracteres indestructiveis nas paginas da historia.

Por isso os Jeronymos e os Lusiadas são na pedra e no livro os evangelhos da patria, os dois poemas em que se encerram os cantos de uma epopéa de nacionalidade, como nenhum outro povo a teve, nem jámais a terá.

*
* *

Fr. Jacinto de S. Miguel foi natural de Lisboa, nascido a 10 de Setembro de 1692, filho de Pedro Fernandes Tinoco e de Helena Joseph Borges; professou na Ordem de S. Jeronymo aos dezeseis annos de edade; applicou-se ao estudo das linguas latina, grega, franceza e italiana, pro-

fundando as sciencias theologicas, que depois ensinou até ser jubilado n'aquella Faculdade; Reitor do Collegio de S. Jeronymo de Coimbra, Chronista geral da Ordem do mesmo Santo Doutor, Prior no mosteiro de Santa Maria de Belem em Lisboa e Geral da Ordem, como se vê da inscripção que damos em nota (85) a pag. 105 d'esta Relação. Compoz varias obras[7] tornando-se notavel entre ellas o *Tratado historico das Ordens monasticas de S. Jeronymo e S. Bento*. Lisboa, 1734 a 1761. Tres volumes in-folio.

Como se vê, o nome de Fr. Jacinto de S. Miguel impõe-se ao nosso respeito, não só pelas obras que nos legou, onde a cada passo revela uma vasta intelligencia e erudição, como tambem pelos elevados cargos que exerceu, prova inconcussa de alto valor intellectual e são criterio.

Publicando hoje este seu estudo inedito, ao qual conservámos, tanto quanto possivel, a linguagem primitiva, fazendo-o acompanhar de notas elucidativas, colhidas no proprio edificio e em

[7] Vid. *Diccionario bibliographico portuguez* de Innocencio Francisco da Silva. Tomo III, pag. 244 e 245.

outras fontes, durante a impressão, prestamos a homenagem do nosso respeito á sua memoria, contribuimos para ser vulgarisado um trabalho que se nos afigura de excepcional importancia, evitando a sua perda, e habilitamos os historiadores com elementos seguros para o estudo de um edificio digno de veneração de nós todos.

Cumpre-nos finalmente agradecer o valioso auxilio prestado pelo nosso illustre amigo sr. Brito Rebello, sabio investigador e grande erudito, sempre consultado com proveito em todos os assumptos que demandam profunda investigação.

F. F.

CAPITULO I

Em que se trata da antiga ermida de Santa Maria de Belem, que com esse mesmo titulo e invocação mandou fundar, no sitio e logar do Restello, o infante D. Henrique, filho de el-rei D. João o I, e dos motivos que teve para essa fundação.

1. Para a parte do occidente, uma legua da inclita cidade de Lisboa, cabeça do imperio Luzitano, junto das praias do rio Tejo, que (por se metter no mar[1] duas leguas mais abaixo, e de lograr, desde ahi para cima até quasi quinze leguas, das enchentes e vazantes d'esse immenso oceano) se pode já dizer mar, se vê um sitio bem aprazivel e alegre chamado antigamente o Restello, porto bem conhecido em todo o mundo, ainda que do tempo que n'elle se fundou uma[2] ermida com

[1] O mss. tem—*neste aquelle*—o que não faz sentido.

[2] Tambem aqui tem—*a ditta*—quando ainda não falou n'ella, senão no titulo do Cap.

o titulo de Nossa Senhora de Belem, é só com o nome do porto de Belem por toda a parte chamado, perdendo já totalmente de então para cá o de Restello, que antigamente lograva, mas por memoria ainda d'elle se conserva, em certas terras vizinhas d'este mosteiro, o seu antigo appellido do Restello.

2. N'este sitio pois e tão celebrado porto de Portugal em todo o mundo, sendo tão frequentado assim da gente do mar como da terra, padeciam n'elle grandes necessidades que por tocarem não só aos bens dos corpos, porque é menos, mas tambem ao das almas, porque é mais, se deviam bem de advertir para se haverem logo de remediar; as quaes faltas eram e vinham a ser: quanto ao espiritual, o carecerem ahi os fieis catholicos de egreja e sacerdotes que n'ella assistissem para lhe administrarem os sacramentos que lhe fossem necessarios, e que lhe dissessem missa tambem, porque de tudo isto n'este sitio careciam; e quanto ao corporal, experimentavam tambem n'esse logar muito grande indigencia e falta d'agua, assim a gente da terra como do mar, esta quando queria fazer provimento necessario das aguadas de seus navios, e aquella que vinha a esse sitio ou que passava por alli para d'ella se aproveitarem tambem, e darem outrosim de beber ás suas bestas que traziam.

3. E porque o sobre dito infante D. Henrique era tão zeloso, assim da honra de Deus como do bem commum da republica e do particular de cada

um de seu proximo, pondo bem com alta consideração os olhos n'esta falta e necessidades todas que n'este sitio se experimentavam, e que n'elle os fieis christãos padeciam, e que, além de todas estas miserias que aqui se tem notado, morriam muitos alli, por falta de sacerdotes, sem confissão, e juntamente por lhes faltar tambem egreja e cemiterio em que sepultassem seus corpos, e dos que ahi appareciam fallecidos os lançavam por essas praias e areias; commovido bem o summamente pacifico, compassivo, bom e catholico infante de todas estas miserias e desamparos, tratou de remediar essas necessidades todas, e faltas que os fieis ahi padeciam e experimentavam com grande pena sua, mandando para seu allivio erigir no tal logar do Restello uma ermida com o titulo de Santa Maria de Belem, onde podessem ouvir missa e receber os sacramentos da egreja que lhes fossem necessarios, e tivessem n'elle cemiterio em que se sepultassem os corpos dos que ahi fallecessem, mandando mais fazer no tal logar uma fonte com seu cano e chafariz, para provimento das aguadas dos mareantes que ahi chegavam, e para o uso da gente da terra e de suas bestas que passavam por esse sitio e ahi vinham, sem que por este tal beneficio que lhes fazia lhe pagassem coisa alguma nem á sua Ordem de que elle era Mestre,[3] e a quem depois fez doação da dita ermida e padroado

[3] Aliás governador e administrador.

d'ella com todas as demais suas pertenças, como logo se dirá, nem a outra pessoa alguma, mas que em reconhecimento d'esse bem que lhes fazia lhe dissesse cada um que da agua se aproveitasse um Padre Nosso com uma Ave Maria pela salvação de sua alma e das d'aquelles por quem elle era obrigado a rogar.

4. Depois de fundada a dita ermida de Santa Maria de Belem no logar do Restello (em que anno fosse não se sabe) em o de *1460 Idib Setembris* fez d'ella doação irrevogavel para sempre, pela auctoridade que tinha do Santo Padre, á sua Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, de que elle infante era Mestre, Administrador e Governador, e lhe doava tambem o padroado da egreja, hortas, casas, terras, herdades, com tudo mais que ahi tinha comprado para a dita ermida, e que da agua da fonte e chafariz, que para bem da gente do mar e da terra tinha ahi mandado fazer, tenha tambem a dita Ordem tudo o que lhe for necessario para os seus pomares e hortas e outra qualquer despeza; mas que, pelas herdades e mais coisas que ahi comprou para a ermida, dirá o capellão que n'ella estiver uma missa cada semana de Santa Maria *in sabbatos* pela sua alma, d'elle dito infante, e a commemoração seja do *Espirito Santo* com seu responso e a oração *Fidelium Deus,* e que antes de começar a missa se virará o sacerdote para os que na ermida estiverem, pedindo em voz alta por amor de Deus um Padre Nosso e uma Ave Maria

pela alma d'elle infante, dos da Ordem e d'aquelles por quem elle é obrigado.

5. Tudo isto que se tem referido aqui da fundação d'esta ermida e das outras coisas mais que mandou o infante fazer consta da doação que fez á sua Ordem, como n'ella se pode ver, que foi feita, como já se disse, *Idbi Setembris*[4] do anno de *1460*, firmada da mão do mesmo infante, sellada com o sello das suas armas, mandada escrever por João de Moraes, e pôr no cartorio do convento da sua villa de Thomar, cujo traslado se conserva no cartorio d'este real mosteiro.

6. Morreu o infante depois que fez a doação d'ahi a tres annos, que foi no de 1463, em a villa de Sagres, no reino dos Algarves, a 13 de novembro, e foi sepultado na cidade de Lagos[5] do mesmo reino, de donde foi trasladado para o real mosteiro da Batalha, como tudo se acha em João de Barros no lib. 1.º da 1.ª decada cap. 16; mas esta conta não está certa porque diz o mesmo auctor que falleceu o infante de 67 annos de edade, ora nascendo em 1404[6] na cidade do Porto, como affirma Manuel de Faria e Sousa na 2.ª parte da Europa portugueza na vida d'el-rei D. João o 1.º, sendo o infante

---

[4] Aos 18 de setembro.

[5] Freguezia de Santa Maria.

[6] Nasceu na cidade do Porto a 4 de março de 1394, e falleceu na sua Villa do Infante a 13 de novembro de 1460, tendo portanto 66 annos 8 mezes e 9 dias; estando por isso em Barros e Faria e Sousa as datas erradas.

de 67 annos quando morreu, devia isto de ser no anno de 1471 e não no de 1463, com que, ou o do nascimento ou o da morte não se acerta e se erra, ou os annos da edade não se chegam bem a ajustar; seja o que for que quem tocar esta materia averiguará d'isto a verdade, porque quem escreve este papel o que lhe toca é o narrar como o infante D. Henrique foi o fundador da ermida de que aqui vamos falando, e que a doou como se disse á sua Ordem de Christo de que era Mestre, e que passados alguns annos depois d'isso se veiu n'esse mesmo sitio da ermida a fundar este real mosteiro de Belem como já se vae dizendo.

CAPITULO II

De como no mesmo sitio em que o infante D. Henrique tinha mandado erigir a ermida com o titulo e invocação de Santa Maria de Belem, e que doou depois á Ordem militar de Christo, mandou ahi o augustissimo monarcha o senhor rei D. Manuel levantar o magnifico templo com o mesmo titulo e invocação de Santa Maria de Belem, para a Ordem monachal de S. Jeronymo.

7. É coisa digna de muito grande reparo que fundando o infante D. Henrique no dito logar do Restello a ermida que mandou erigir, lhe puzesse o titulo de Santa Maria de Belem, sendo a sua intenção, como depois bem se viu, de fazer d'ella doação, como em effeito assim fez, á Ordem militar de Christo, de que elle era Grão mestre,[7] não tendo esta religião sua origem em Belem, mas em Thomar, e que depois o mais que grande rei D.

---

[7] Vej. nota 3.

Manuel, mandando no mesmo sitio da dita ermida levantar o sumptuoso edificio que aqui se vê, tinha doado já a sobre dita ermida, sendo tambem como era da mesma Ordem Grão Mestre, que parece que por todos estes motivos o devia assim de fazer e conservar ahi a dita Ordem, que estava d'elle já de posse, e não para a Ordem e religião de S. Jeronymo. Porém attendeu assim este monarcha e assentou, com superior resolução, além de outros mais congruentes respeitos, que incitaram seu coração e vontade, que o edificio que havia de ficar com o mesmo titulo da ermida de Santa Maria de Belem fosse tambem morada e habitação de monges em Portugal, que traziam seu principio d'aquelle primeiro mosteiro, e que lá no sagrado presepio de Belem, na Palestina, onde nasceu Christo, bem nosso, com esse mesmo titulo e invocação de Santa Maria de Belem tinha seu padre S. Jeronymo fundado e erigido o celeste instituto d'esta religião.

8. Com esta vontade e affecto quiz o senhor rei D. Manuel, monarcha verdadeiramente Maximo, buscar ao doutor Maximo em seus filhos, do qual e dos quaes era summamente devoto. Depois da morte de el-rei D. João o 2.º d'este nome, que falleceu aos 25 de outubro do anno de 1495 em as caldas de Alvor[8] do reino dos Algarves, foi logo

[8] Em Alvor falleceu, tendo retirado das caldas de Monchique. Em Alvor não ha caldas.

a 27 do mesmo mez e anno reconhecido em Alcacer do Sal por legitimo rei d'estes reinos de Portugal, tratando no mesmo ponto com toda a resolução da fundação da singular e maravilhosa fabrica d'este mosteiro de Belem, não se contentando seu animo tão generoso de que fosse obra de qualquer ordinaria estructura, mas de architectura mais eminente e relevante, que não a menos se extendia seu grande animo e vontade.

9. Para effeito d'este tão louvavel intento, assim que empunhou o sceptro e recebeu a corôa de seu imperio, mandou logo pedir ao Summo Pontifice que então governava a egreja de Deus, e era Alexandre VI, faculdade de poder *Auctoritate Apostolica* levantar a ermida, que *sub invocatione Beatae Mariae Belem,* junto da praia do mar, não longe da cidade de Lisboa, tinha mandado fazer o Mestre da Milicia de Jesus Christo, para freires da sua Ordem, em mosteiro da Ordem de S. Jeronymo, com egreja, claustros, dormitorio e todas as mais officinas necessarias á maneira dos mais mosteiros da mesma Ordem, e metter n'elle de posse aos religiosos d'ella, pelo singular affecto de devoção que lhes tinha, por amor de seus bons e exemplares costumes, como tudo assim se acha bem declarado na bulla plumbea que o dito Summo Pontifice mandou passar a instancia do sobre dito rei D. Manuel, dada em Roma *nono Kal. Julii do anno de 1496* no quarto do seu pontificado, a qual bulla começa: *Eximiae devotionis*

affectus, e se guarda no cartorio d'este mosteiro de Belem.

10. Declara mais n'esta bulla o Summo Pontifice que os religiosos, que no dito mosteiro habitarem, serão obrigados a dizerem na egreja d'elle uma missa pela alma do Mestre da Milicia de Christo,[9] e que possam livremente administrar aos marinheiros, navegantes e peregrinos, assim o sacramento da penitencia, ouvindo suas culpas, e absolvel-os tambem dos casos que não sejam á Santa Sé Apostolica reservados, dando-lhe a penitencia necessaria, como tambem administrar-lhes o Santissimo Sacramento da Sagrada Eucharistia, não sendo com prejuizo da egreja parochial circumvizinha; finalmente lhes concede o Summo Pontifice na tal bulla, ao sobre dito mosteiro e religiosos, que possam livremente usar de todos e de quaesquer privilegios, indultos, immunidades, liberdades, graças e concessões aos outros mosteiros e religiosos da dita Ordem pela Sé Apostolica ou pelos seus legados *in genere concessis et concedendis in posterum,* salvo sempre porém em todas as coisas o direito da egreja parochial ou tambem de qualquer outra.

11. Em virtude d'esta bulla do papa Alexandre VI, que não é em tudo das mais amplas a respeito de algumas que depois se concederam, logo no anno seguinte de 1497,—depois que o rei D. Ma-

[9] Isto é—o Infante D. Henrique.

nuel despachou para o descobrimento da India Oriental a Vasco da Gama e Nicolau Coelho[10] por capitão cada um de seu navio que lhes mandou aprestar, e se chamava o primeiro e principal S. Gabriel, o segundo S. Raphael e o terceiro o Berrio[11] com mais outro de provimentos que supprisse a falta do necessario, do qual era capitão Gonçalo Nunes, creado do dito Vasco da Gama, se partiram para esta tão catholica e bem succedida empresa em um sabbado que se contavam 8 do mez de julho do dito anno de 1497, indo primeiro como foram *(á ermida)*[12] que aqui estava de Santa Maria de Belem, aonde ainda estavam os freires da Ordem de Christo, que n'ella assistiam, n'este porto a fazer ahi sua oração a Deus e a sua Bemdictissima Mãe, que lhes desse bom successo e ventura n'esta perigosa viagem e arriscada jornada de mares tão dilatados e climas tão desconhecidos a que sahiam expostos, se voltaram aos seus navios acompanhados dos ditos freires, de outros mais sacerdotes e de uma multidão grande de gente que tinham a esta funcção concorrido, em que se ia cantando uma devota ladainha desde a ermida até á praia, e feita ahi a confissão geral, estando tudo em silencio o vigario da casa os absolveu na fórma da bulla que o infante D. Henrique tinha alcan-

---

[10] Falta no mss. o nome de Paulo da Gama, que, além de ser irmão do Capitão Mór, era o immediato no commando.

[11] A Berrio parece teve o nome de S. Miguel.

[12] Falta no original.

çado para os que n'este descobrimento fallecessem, na qual lhe concede indulgencia plenaria. Concluida esta funcção e embarcados os sobreditos navegantes nos seus bateis, se passaram d'elles aos navios e deram logo estes as velas, deixando n'esta praia, de que então se apartavam, um mar de saudades e lagrimas que por esse tal respeito lhe puzeram o appellido e lhe chamavam com muita propriedade a praia das saudades e lagrimas, se bem que aos que d'ahi se partiam ellas lhes não faltavam tambem por esses mares immensos onde juntamente navegavam; tratou logo sem mais demora, depois que os navios d'esse porto se partiram, de mandar com toda a resolução e affecto o senhor rei D. Manuel pôr mãos á obra da insigne fabrica d'este templo e mosteiro, pois com tal intento, que esse era o seu desejo, que assim que tomou posse d'estes reinos logo mandou pedir a bulla de que acima se fez menção, para se edificar *Auctoritate Apostolica* este templo e mosteiro como consta da data da mesma bulla.

12. Esta é e vem a ser a origem que houve e que se acha para se fundar e erigir a insigne fabrica e obra maravilhosa d'este real templo e mosteiro de Santa Maria de Belem, no mesmo sitio e logar em que estava a ermida que o infante já nomeado D. Henrique tinha ahi mandado fazer, ficando com o mesmo titulo o templo e mosteiro de Santa Maria de Belem, que na fundação da

dita ermida lhe foi posto, e ainda que a obra de um e outro edificio era muito differente, e os moradores tambem diversos, não quiz o soberano monarcha, o senhor rei D. Manuel, que se lhe mudasse o nome do orágo, mas que ficasse sempre com o mesmo que d'antes tinha, como ficou, e tambem por ser aquelle nome mais proprio e accommodado para os moradores que de novo entravam a tomar posse d'esta habitação, pelas razões que acima ponderamos, do que para os outros que já ahi com assistencia de tantos annos estavam; e mais quando a mudança que fez não deixou de ser honorifica para elles, pois em logar da ermida que largavam se lhes deu em Lisboa a egreja de Nossa Senhora da Conceição[13] que ainda hoje possuem.

13. Feita esta transacção, se começou, *Auctoritate Apostolica,* por virtude da bulla referida passada no anno de 1496, a fundar no de 1497, depois que os navios de que fizemos menção partiram d'este porto de Belem para a conquista[14] da India, a insigne e maravilhosa fabrica d'este templo no mesmo sitio da ermida, e juntamente tambem metter de posse os monges de S. Jeronymo, para quem se fabricava este edificio, ainda que a posse authentica e juridica não se deu logo que ahi entraram, senão no anno de 1500 a 21 de abril,

[13] Actualmente chamada *Conceição Velha.*
[14] Aliás descobrimento.

como de um traslado d'ella, que no cartorio d'este mosteiro se acha, assim consta; a qual posse foi dada *Auctoritate Apostolica* pelo doutor Pedro Gonçalves, provisor que era do cardeal, á ordem de S. Jeronymo assim do mosteiro como de todas as mais suas pertenças, sendo então d'elle prior o padre fr. Pedro da Guarda, que foi o terceiro prior d'este mosteiro, pois consta de papeis que n'elle ha que o primeiro prior, que d'elle foi, se chamava fr. Martinho de Veyros e o segundo fr. João da Certã, o qual fr. Martinho de Veyros era então vigario do dito fr. Pedro da Guarda, e que com elle assignou no acto de posse, com mais seis monges que o firmaram e se chamavam;[15] testemunhas João Rodrigues e James da Fonseca, moradores na cidade de Lisboa, e o notario que actuou a dita posse se chamava João Fernandes, beneficiado na Sé da cidade de Lisboa e notario apostolico *Auctoritate Apostolica*.

14. É muito de notar que começando-se a fabrica d'este mosteiro no anno de 1497, e continuando-se com a obra d'ella até o anno de 1521,[16] em que falleceu o senhor rei D. Manuel, seu fundador, com todo o fervor e cuidado sem se repa-

---

[15] Faltam no mss. os nomes dos seis monges, que são: fr. Jeronymo, fr. João da Certã, fr. Bartholomeu de Possas, fr. Affonso, fr. Gonçalo e fr. Alvaro Sãochristão, segundo se lê no auto impresso a pag. 257 e seguintes do segundo volume das provas da Historia genealogica.

[16] A 13 de dezembro.

rar nos grandes gastos que n'ella se faziam, e com tantos officiaes e serventes que ahi andavam trabalhando, que é tradição n'esta casa chegou o numero d'elles a cinco mil;[17] ainda n'esses vinte e quatro para vinte e cinco annos de tanta lida não ficou a terceira parte da obra conforme o risco e planta que levava, bem acabada, e lhe vem d'esta maneira a faltar mais de tres partes, de que se tira a magnificencia da grande machina que havia de vir a ser, se de todo se acabasse (como a dispuzera) o sempre louvavel animo e memoravel devoção do soberano monarcha que a emprehendeu.

[17] Isto é uma enorme exageração.

CAPITULO III

De alguns indultos que o dito monarcha o senhor rei D. Manuel impetrou da Santa Sé Apostolica para este mosteiro, quando se andava em sua fundação, e como esta religião se lhe mostrou agradecida pelo muito que por respeito d'ella obrava.

15. Antes que se entre na descripção d'esta casa é bem se faça aqui memoria d'aquelle grande amor e inclinação que o senhor rei D. Manuel sempre teve aos monges da religião de S. Jeronymo, por effeito de seus louvaveis costumes e virtudes, com que tanto resplandeciam no mundo, e em que mais se deixa vêr este seu grande affecto. Além de outros muitos beneficios que de sua larga mão recebemos, de que lhe estamos summamente obrigados e de que sempre nos confessamos agradecidos, é muito particular o da fundação d'este mosteiro, pois não se contentando só com a magnificencia d'este admiravel templo que emprehendeu com

tão grande animo e devoção, quiz tambem enriquecer de indultos que para elle da Santa Sé Apostolica conseguiu.

16. Alcançou uma bulla do papa Leão X, que começa: *Ex injunto nobis desuper,* dada em *Roma 6 Idib Martii* do anno de *1519* e no setimo de seu pontificado, a qual, com seu sello plumbeo, se conserva no cartorio d'este mosteiro, e n'ella concede o pontifice á supplica do rei, a este mosteiro, que todas e quaesquer coisas de qualquer qualidade que sejam, assim de bens moveis como de raiz, que pelo rei lhes são ao mosteiro doadas, não só tanto as que já lhe são dadas pelo dito rei, como tambem por quaesquer fieis christãos se lhe hajam assim mesmo de doar, as applica *in corpora* ao dito mosteiro de Belem para sempre *et in perpetuum.*

17. Concede mais na mesma bulla o Summo Pontifice ao mosteiro de Belem e ao seu prior, religiosos professos e noviços, familiares, servidores e mais ás outras pessoas que n'elle vivem e a seus bens presentes e futuros, todos e quaesquer privilegios, exempções e prerogativas que ao mosteiro do Espinheiro e a seu prior, religiosos, familiares e ás mais sobreditas pessoas se tem concedido geralmente; dos quaes privilegios, exempções e prerogativas possam gosar e possuir não só *ad illorum instar,* mas como se todos e qualquer d'elles fossem principalmente ao mosteiro de Belem e ao seu prior e religiosos e aos mais sobreditos

in specie nominatim, desde que o mosteiro de Belem se erigiu, concedidos por auctoridade apostolica, pelo teor da qual lhe concede graça de todos; o que tudo supplicou o dito rei ao Summo Pontifice lhe concedesse, como em effeito lhe concedeu pelo singular affecto de devoção que tinha ao mosteiro e monges d'elle, por amor de seus louvaveis costumes e exemplar vida que tem.

18. Mais outra bulla plumbea do Summo Pontifice Leão X, dada em Roma *3º Non. Decembris* do anno de *1519* no setimo de seu pontificado, a qual começa: *Creditum nobis supernae providentia magestatis,* concedida a supplica do senhor rei D. Manuel *Specialis dono gratiae auctoritate apostolica* pelo teor das presentes lettras ao real mosteiro e casa de Santa Maria de Belem, e a todas as mais dos reinos de Portugal e dos Algarves da Ordem de S. Jeronymo, e aos priores e religiosos (ainda que sejam noviços) aos familiares, pessoas e coisas e bens das casas e mosteiros, para que possam gosar e usar livremente todas e quaesquer coisas, immunidades, exempções, privilegios, favores, indulgencias, graças e indultos espirituaes e temporaes tão ordinaria quão apostolica *aut alia auctoritate in genere et in specie concessis, et concedendis* de que gosam, possuem e usam os mosteiros e casas de Guadalupe e Lupiana e outros mais mosteiros e casas da mesma Ordem de S. Jeronymo que estão situados nos reinos de Castella e Aragão, e das que os priores, os religiosos, as coi-

sas e bens d'esses mosteiros e casas de qualquer maneira usam, não só *ad eorum instar,* mas da mesma maneira que se *specifice et nominatione* que fossem sem alguma *penitus* differença *in omnibus et per omnia* concedidas largamente ao mosteiro e casa de Belem, e ás demais do reino de Portugal e dos Algarves da mesma Ordem de S. Jeronymo.

19. Com tal declaração, que se porém os taes indultos e privilegios *concessa et concedenda* ás casas de Guadalupe e Lupiana e ás mais da mesma Ordem dos reinos de Castella e Aragão, aos seus priores e monges e as suas coisas se suspendam e moderem, ou se revoguem ou cassem, annullem ou alterem por respeito de quaesquer coisas que em algum tempo acontecerem, nem por isso se entenda que estão os referidos indultos e privilegios suspensos, moderados ou revogados, annullados ou alterados a respeito da casa de Belem e das demais da mesma Ordem dos reinos de Portugal e dos Algarves e dos seus priores, monges e mais bens, se de tudo se não fizer expressa e declarada menção. O que tudo assim o sobredito Summo Pontifice com tanta liberalidade e largueza concedeu a instancia do dito rei, por lhe supplicar este soberano monarcha que os monges de S. Jeronymo d'estes reinos de Portugal, no zelo da religião, na pureza de sua vida e no exemplo de seus louvaveis costumes, não eram inferiores, nem menos, que os monges de Hespanha da mesma Ordem, e mereceriam tanto como elles, para se

lhe conceder facilmente os mesmos privilegios e indultos que alcançaram e logravam.

20. Para se saber pois quaes eram os indultos e privilegios que logravam os monges de S. Jeronymo em Hespanha, se mandaram lá dois monges de Portugal que se chamava um fr. Jorge de Evora, professo d'este mosteiro de Belem e que tinha acabado de ser provincial, e outro fr. Valasco ou Vasco do Sardoal, vigario que era d'este mesmo mosteiro de Belem e professo do de S. Marcos, sendo então prior provincial o reverendissimo padre fr. Innocencio, que foi confessor da imperatriz D. Izabel, mulher do imperador Carlos V, os quaes monges foram e andaram na dita diligencia no anno de 1521 em o nono do pontificado do papa Leão X, de quem era a bulla que levavam e que aqui agora se referia, e trouxeram muitas authenticamente trasladadas e muitos breves de varios indultos e privilegios concedidos aos mosteiros e monges de Hespanha da Ordem de S. Jeronymo, para os de Portugal gosarem d'elles tambem, como a bulla do papa Leão X lhe concede, que estão n'um livro que tem as folhas de pergaminho e que no cartorio d'este real mosteiro se guarda.

21. Dois annos antes das concessões das tres bullas que n'este capitulo se referem, que todas foram do papa Leão X, e se passaram no anno de 1519, no setimo de seu pontificado, alcançaram, os padres d'esta Ordem, d'este Summo Pontifice, por supplicação que lhe fizeram o prior provincial

e mais monges congregados em capitulo provincial, que n'este mosteiro de Santa Maria se celebrava, que o prior provincial d'esta congregação de Portugal da Ordem de nosso padre S. Jeronymo fosse d'ahi por deante *in perpetuum* o prior do mosteiro de Belem, e que o principado e dominio que o mosteiro de Penha Longa lograva até alli sobre os mais mosteiros da congregação de Portugal, por respeito da antiguidade da casa, fosse totalmente mudado e transferido de todo o ponto para o mosteiro de Belem, em que o prior e monges do mosteiro de Penha Longa tambem expressamente consentiram; e que todo aquelle que d'alli por deante fosse canonicamente eleito em prior provincial, e sua eleição confirmada, existisse e residisse no mosteiro de Belem como legitimo prior d'elle e cabeça de toda a Ordem e provincia, e que o officio do tal priorado assim como tambem os das demais casas da dita Ordem e provincia durasse somente dois annos, e que á eleição do prior provincial além de todos os priores e procuradores das casas da Ordem e provincia, pelos quaes se costumava celebrar, concorressem para ella mais quatro monges tambem da dita casa de Belem, constituidos em ordens sacras, e eleitos pelos outros vogaes da casa de Belem, e que estes padres assim eleitos sómente tivessem voz cada um d'elles na eleição do prior provincial, e não em algum outro acto mais do mesmo capitulo, o que tudo assim como se tinha assentado e orde-

nado, por causas razoaveis e concernentes á honra e decoro da Ordem e bom regimen e direcção dos monges e casas d'ella, no dito capitulo provincial e de que fez narrativa e supplica pelo dito capitulo ao Summo Pontifice Leão X, elle concedeu, approvou e confirmou por uma bulla sua plumbea que se guarda no cartorio d'este mosteiro, a qual foi passada *sexto decimo kalen. Augustii* do anno de *1517,* e no quinto de seu pontificado, dando-lhe n'ella a tudo inviolavel firmeza de perpetua estabilidade.

22. Por esta bulla concedida e alcançada a instancia e supplica dos padres d'esta religião, cedendo os monges do mosteiro de Penha Longa do direito que tinham em ser o seu mosteiro cabeça da Ordem, por respeito da primazia e antiguidade d'elle, para que este mosteiro de Belem fosse a cabeça da Ordem e se mudasse para elle e transferisse a primazia e principado d'ella, se deixa bem claramente conhecer o quanto se mostravam os monges da dita Ordem e toda ella obrigada e agradecida ao grande amor que o sobredito monarcha o senhor rei D. Manuel cordealmente lhes tinha, pois lhes fabricava com tanta grandeza uma tão magnifica vivenda como é a d'este insigne edificio, que só tem de imperfeito não o poder elle acabar, o que foi por falta de vida e não de seu grande animo e vontade, pois que ainda a muito mais se extendia.

23. E não só pela fundação d'esta casa se mos-

trou esta religião summamente agradecida e que sempre venera com as demonstrações d'esta lembrança a esse mais que grande monarcha, mas tambem pela maravilhosa fabrica que nos deixou do mosteiro de Nossa Senhora da Pena, fundação assim mesmo sua, e pela reedificação do mosteiro de S. Jeronymo do Matto, que mandou outrosim fazer; á sua imitação, sua muito amada consorte a senhora rainha D. Maria, nos mandou tambem fundar na ilha das Berlengas outro mosteiro, em que habitaram por alguns annos, com raro exemplo de vida, os nossos monges, até que por alguns inconvenientes grandes que na tal ilha experimentavam os mandou a senhora rainha D. Catharina, mulher do senhor rei D. João III, para o sitio de Valle Bemfeito, onde lhes mandou fundar o mosteiro que ahi temos; tambem á imitação do senhor rei D. Manuel, respeitando juntamente em nossos monges o raro exemplo de vida que em toda a parte mostravam, lhe fez o bispo do reino dos Algarves chamado D. Fernando Coutinho, no tempo do mesmo rei em o anno de 1509, doação de muitas fazendas e herdades para se fundarem dois mosteiros d'esta Ordem no dito reino dos Algarves: um de Santo Antonio na serra de Monchique e outro no Cabo de S. Vicente, de que tudo se tomou posse com licença do mesmo rei; mas por se faltar da parte do bispo, depois da dita posse e acceitação, que por parte da religião se fez, a alguns requisitos precisos e necessarios que toca-

vam ao bem d'ella, de que se deu conta ao bispo que os quizesse cumprir, como consta dos papeis que ha sobre esta materia no cartorio d'esta casa, se divertiu o bispo do que tinha até alli feito, mas se o podia fazer legitimamente está ainda por julgar.

24. Não se fala por ora em outros mais beneficios do senhor rei D. Manuel e que, á sua imitação tambem, de outras pessoas mais tem esta religião recebido, porque essa narração, por ser algarismo de grande conta, se deixa para outro logar, que será quando se derem as noticias que se acham nos archivos dos mosteiros d'esta Ordem, porque em todos que estavam já em seu tempo fundados se vêem de seus beneficios memorias que se devem referir; e é isto tanto assim que, por se vêr esta religião tão obrigada a este monarcha tão magnanimo, ordenou que em todos os seus mosteiros depois das *Laudes* e das *Completas* do Officio divino, que nos coros se diz, se façam sempre tres commemorações, uma do mysterio da Annunciação da Virgem Maria Senhora Nossa, outra do Archanjo S. Miguel e outra do nosso padre S. Jeronymo, por memoria do senhor rei D. Manuel, o que se observa inviolavelmente desde o seu tempo até agora sem falta alguma, nem se faltará, emquanto este mundo durar, de sempre assim se fazer.

CAPITULO IV

Em que se descreve, e nos mais capitulos que se vão a este seguindo, o admiravel edificio d'este real mosteiro de Belem, com algumas coisas pertencentes a esta materia de que se deve fazer tambem memoria.

25. Direita do nascente ao poente corre a frontaria e fachada da insigne fabrica do real mosteiro de Belem, que faz sua perspectiva para a parte do sul, na distancia do tiro de uma pedra, da praia do mar que lhe fica bem defronte, e de permeio a estrada, que é passagem commum de todas aquellas partes. Contém toda a frontaria, que consta de mil trezentos e quatorze palmos de comprimento, que apanha tão sómente a correnteza da egreja e dormitorio, de que bem se deixa vêr sua notavel grandeza de uma e outra coisa, sendo todo o material d'esta obra de cantaria, excellente não só pela parte de fóra, mas tambem quasi toda por

dentro fabricada em pedra marmore, que por ser tão dura e forte custaria muita despeza e trabalho sua esculptura e lavor, que o é com tanta variedade e tanta multidão de figuras, folhagens, canaes retorcidos, enlaçados, resaltos, pyramides, e remates com outras mais galanterias e invenções de differentes aspectos e formativas, com tanto primor e traça, e tanta variedade na sua correspondencia, que é um nunca acabar para se querer descrever; porém sempre se dirá o que por mais principal da dita obra se não deve remetter ao silencio.

26. E já que pela parte de fóra se começa a narração d'este edificio, tenha o primeiro logar o magnanimo portico do seu templo, que fica para essa dita parte do sul, por ser para o templo o referido portico sua mais commum entrada, e que a está patenteando tambem para sua admiração, pois que sem esta, para elle muito mal se pode olhar, que tal é a disposição da sua architectura e fabrica, que faz elevar os sentidos de quem n'elle põe os olhos. Sobre um arco que no meio d'este portico e sem segundo se levanta do chão, com bastante largura e altura, está a soberana imagem de Santa Maria de Belem, de pedra marmore obrada como é tudo o mais que ahi se vê, com o menino Deus em seus braços e com um vaso n'uma mão que serviu de recolher n'elle aquellas dadivas mysteriosas de oiro, mirra e incenso que os santos tres reis magos offereceram ao mesmo rei menino recem-nascido em Belem. De uma e outra parte,

pelos nichos das columnas que vão subindo, estão algumas santas virgens de bom tamanho suas imagens, como são todas as demais que adornam este portico, as quaes santas acompanham ahi sua soberana rainha; no remate de cima entre os capiteis das columnas está a imagem do archanjo S. Miguel, que é da egreja catholica seu protector e defensor, e de quem o dito rei fundador d'esta obra era summamente devoto; abaixo da imagem do archanjo ficam de uma e de outra parte á roda os quatro doutores principaes da egreja, convém a saber, S. Gregorio papa, S. Jeronymo cardeal, Santo Ambrosio arcebispo e Santo Agostinho bispo; pouco abaixo mais se vêem os quatro prophetas maiores, Izaias, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

27. Debaixo do sobredito arco sobre que está a imagem de Nossa Senhora de Belem, como acima fica dito, e onde se fórma aquelle vão á maneira de um alpendre, com bastante largura e altura, como tambem já se disse, se levanta um pilar entre uma e outra porta, que faz a entrada da egreja; sobre elle, na altura que fica por cima d'estas portas, está a figura do infante D. Henrique, como primeiro fundador da antiga ermida, que se trespassou e mudou para este templo, e a quem deve, não só Portugal, mas tambem Hespanha, a luz das navegações, com que se vieram a descobrir e conquistar tantas terras e provincias, que depois para uma e outra corôa se adquiriram e sujeitaram, e assim, por todos estes respeitos,

quiz o mais que grande rei D. Manuel se desse á memoria do sobredito infante esta honra, de se lhe pôr sua imagem em logar tão soberano, e não a sua do dito rei, que se pôz em outro portico que supposto seja o da porta principal da mesma egreja, não é comtudo de tanta fabrica e grandeza que não deixe aquelle de levar a este muito excesso; mostrando d'esta maneira o grande monarcha com soberana politica que mais se devia ao infante que a elle.

28. De uma e outra parte d'onde a figura do infante D. Henrique se collocou ficam duas imagens de nosso padre S. Jeronymo, de meio relevo, bem abertas e esculpidas em pedraria, uma em figura de cardeal e outra de penitente adorando a Christo, bem nosso, crucificado, que tambem de bom tamanho está em pedra sua santa imagem admiravelmente esculpida, ficando uma das imagens do maximo dos doutores sobre cada uma das portas, que dão entrada á egreja, as quaes imagens está o dito venerando como qúem approva e lhe agrada a eleição que se fez da religião do dito maximo doutor, para que merecessem seus filhos a entrada e habitação d'este mosteiro. No remate da pyramide em que vae fenecer esse pilar, onde fica a imagem do infante, se descobre sobre esse mesmo remate uma outra de pequeno vulto do invencissimo martyr S. Sebastião, e lhe fica por cima, no meio da volta do arco, o escudo das armas reaes de Portugal, com a serpente sobre a corôa das armas, para que a protecção de

um tão grande defensor como S. Sebastião tenha Deus sempre livre e sem lesão a este reino e mosteiro de qualquer mal e contagio; finalmente se manifesta por uma e outra parte nas ilhargas da circumferencia do arco d'este portico maravilhoso os sagrados doze apostolos, que sendo para principes do mundo por validos de Deus tão escolhidos, se lhes devia tambem o serem suas santas imagens, na casa, que é de Deus cá na terra, tão principal, collocadas.

29. Isto é quanto ao que toca e este portico de admiração, em que se diz por maior o que n'elle está obrado, não falando em outras mil coisas mais que ahi se descobrem e se divisam, por essa variedade tão grande da magnifica esculptura, tanto n'elle como tambem nas janellas de vidraças, que, para darem luz á egreja, por essa parte se abriram, uma de maior grandeza que outra, conforme a arte o pedia para o ministerio que tem, e assim mesmo tambem na mais obra, que por toda essa correnteza e frontaria da egreja e dormitorio se vê; sendo todo o comprimento d'este dormitorio em arcos muito bem lavrados e abertos, que entre essa machina grande de botareos vão correndo desde o chão até por cima do telhado d'este mesmo dormitorio, onde acabam em pyramides, que mais sobem acima nas janellas maiores e dão ao corredor do dormitorio claridade; por baixo d'estas pyramides se guarnecem as cimalhas das paredes com grande multidão de

cruzes do habito da Ordem de Christo, que correm em duas ordens lançadas.

30. E tudo isto assim se acha na mesma fórma da outra parte d'este dormitorio, que fica para a clausura, tirando sómente os arcos que vão entre os botareos da parte de fóra, porque d'esta parte de dentro, havendo tambem estes como os outros da outra banda, não ha arcos entre elles, como tambem as paredes que ficam da parte de dentro não são como as de fóra de cantaria, mas sim de alvenaria; finalmente seria um nunca acabar o querer-se referir não só o que se mostra por fóra n'este admiravel edificio, mas tambem o que por dentro se descobre e se vê; como assim o manifestam os dois disticos que o famoso Lucio[18] de Andrade e Resende sobre esta materia compoz, e que em cima do portal das duas columnas que dá entrada para a porta principal d'esta egreja, e tambem para a portaria principal da clausura d'este mosteiro, estão em pedra gravados, e são da maneira seguinte:

VASTA MOLE SACRVM DIVINA IN LITORE MATRI
REX POSVIT REGVM MAXIMVS EMMANVEL
AVXIT OPVS HŒRES REGNI, ET PIETATIS VTERQVE
STRVCTVRA CERTANT RELIGIONE PARES.[19]

[18] Está errado este nome, não só tomando-se, como muitos outros fizeram, o *L*, que quer dizer *Licenciatus*, por *Lucio*, mas tambem pondo o appellido de Andrade em logar do nome de André, de quem são os disticos.

[19] Não ha este lettreiro por ter sido demolida a portaria onde existiu, como se vê do Capitulo V.

CAPITULO V

Em que se trata do que se contém e fica para dentro do portal de *vasta mole*, que é este sobre que estão os versos acima, que, por começarem assim, assim se chama, narrando-se tão sómente o que ahi ha para dizer, antes de se entrar na egreja e casa da portaria.

31. Todo esse vão que fica para dentro d'este dito portal, e que tem bastante comprimento e largura, não havia de ser coberto por cima como agora se vê, mas descoberto por servir para a porta principal da egreja, e se mostra ser assim, pois o portico d'ella com toda a obra que levava, que era de excellente esculptura, ia rematar entre as duas torres dos sinos, que estão imperfeitas. Depois da morte de el-rei, para se cobrir este atrio como agora se vê, se cortou e desmanchou a portada d'esta abobada, e só ficou o que debaixo d'ella cabe; digno de lastima que tão admiravel

portico se desfizesse; isto se tratou para se lançar sobre a abobada a casa que serve de ante-côro, e dar serventia d'elle para o dormitorio e para o côro, abrindo-se ahi duas portas grandes fronteiras uma á outra para este effeito, e por cima do telhado da dita casa uma janella de bom tamanho que dá claridade ao côro, ainda que foi sempre grande desar o desviar-se esta obra da direcção que levava conforme a sua planta, porque sempre vem a incorrer censura de irregular; desgraça grande que padecem as obras de maior supposição que não se acabam, e applicam depois a differentes intentos d'aquelles para que foram talhadas, como se vê bem e se conhece no córte que, n'este portico admiravel da porta principal da egreja, se deu para se cobrir de abobada esse vão que lhe servia de arco, e para se fazer por cima a casa do ante-côro, que dessem[20] passagem do dormitorio para o côro e d'este para aquelle, quando nem o dito côro nem dormitorio se tinham determinado, segundo a planta do edificio, para o ministerio que lhes deram, e que tem, pois levava a obra outros intentos e fins, do que aquelles para que havia de servir, como dos signaes e dos indicios que o demonstram assim se vê, e evidentemente se colhe, e tambem da tradição dos antigos que o confirma.

32. Este portico da porta principal d'esta egreja

[20] *As portas* a que atraz se refere.

que está para dentro do portal de *vasta mole,* ainda que ficou acanhado por se lhe cortar a obra que o levava acima entre as torres dos sinos, como se disse, a respeito da abobada que ahi n'este vão se fabricou, é de obra tão singular, o que d'ella lhe ficou, e de tal esculptura o seu feitio, e tudo em pedra marmore como é a demais obra de todo este edificio, que faz tudo admirar. Por cima da porta no meio d'ella está o mysterio do nascimento de Christo, nosso bem e Senhor, como tão proprio d'esta casa de Belem; da parte direita o mysterio da sua incarnação, e da parte esquerda o mysterio da adoração que lhe fizeram, quando de pouco nascido, os tres reis magos do Oriente. De uma e outra parte mais abaixo estão de uma, que é a da direita, o fundador d'este templo, o senhor rei D. Manuel, em figura de pedra marmore de admiravel lavor, posto ahi de joelhos, e nosso padre S. Jeronymo pegando d'elle como que o applica a fazer adoração ao menino Deus nascido no presepio de Belem; da outra parte, que é a da esquerda, está de joelhos a rainha D. Maria, sua segunda mulher, tambem em figura de pedra como a de seu marido, e S. João Baptista pegando d'ella como tambem a applica a fazer adoração. Com grande propriedade, para o presente intento, se elegeram os dois tão grandes santos, um por patriarcha dos monges que aqui entravam a morar, o outro por espelho singular da vida e estado monastico e penitente, em que tanto o doutor Ma-

ximo com este divino precursor se pareceu. Pela parte inferior d'este portico principal se vêem as imagens dos Apostolos Evangelistas sagrados, de alguns santos, como tambem de anjos, o que tudo adorna o portico assim como a mais obra que n'elle se vê lavrada.

33. Defronte d'este portico, para a parte do poente, fica uma capella da imagem de Christo crucificado, que se chama do vencimento, e serve de cemiterio para os irmãos, que fallecem, da irmandade dos Passos, que está sita n'este mosteiro e que ha muitos annos se conserva com grande devoção; a qual capella, que a communidade lhe concedeu, mandaram os irmãos fazer, como diz o lettreiro que fica sobre o arco que entra para a mesma capella, e é assim:

ESTA CAPELLA MANDARAM FAZER OS IRMÃOS DA SANTA CRVZ DO SENHOR DOS PASSOS D'ESTE REAL CONVENTO DE BELEM PARA SEV JAZIGO, A QVAL LHES DEV ESTA COMMVNIDADE EM O MEZ DE MAIO DE 1671.[21]

34. Dentro d'este vão tambem fica a porta da portaria principal d'este mosteiro para a parte do norte, e fronteira ao portal de *vasta mole,* a qual por remedio se accommodou tambem aqui, por-

[21] Esta capella foi demolida, desapparecendo por esse motivo o lettreiro.

que havia de ser a portaria principal em outra parte, segundo a planta do edificio, se este se acabasse conforme a direcção que levava. Tem esta portaria de uma e de outra parte janellas de grades, e sobre ellas duas figuras que são dos hombros para cima sómente e de grandes caras e aspectos; uma que é de Hercules com seu distico por baixo que diz assim:

HOC LAPIDE ANTE FORES DEPICTA ALCIDIS IMAGO
REGALIS FIRMVM DENOTAT ÆDIS OPUS.[22]

Da outra parte que entra para a portaria se leem dois disticos d'esta maneira:

CŒSARIS INCISO PRŒSENS IN MARMORE VVLTVS
INDVAT AVGVSTÆ LIMINA FAVSTA DOMVS.[23]

Sobre a porta que entra para a portaria se leem dois disticos d'esta maneira:

---

[22] Damos a traducção em portuguez d'este lettreiro, que já não existe.

A IMAGEM DE ALCIDE REPRESENTADA N'ESTA PEDRA
DENOTA A GRANDE OBRA DO EDIFICIO REAL.

[23] Tambem não existe; a sua traducção é

O VULTO DE CESAR AQUI PRESENTE ESCULPÍDO NO MARMORE
INDICA OS FAUSTOSOS LIMIARES DA AUGUSTA CASA.

EXTITIT ALCIDES GENTIS DOMINATOR IBERÆ,
FRÆNAVIT CŒSAR GALLICA REGNA IVGO
REX PIVS EMMANVEL VICTOR SVPEREMMET INGENS
SOLIS AD VSQVE ORTVM, QVI TVLIT IMPERIVM. [24]

Mostram estes taes lettreiros com as acções admiraveis d'estes famosos heroes a fabrica maravilhosa do presente edificio; não consta que estes vultos de Hercules e Julio Cezar se mandassem lavrar para se porem aqui; o que se diz por tradição é que se acharam subterrados quando se abriram os alicerces d'esta obra, e que depois os accommodaram para o ministerio que tem, parecendo isto o mais certo.

[24] Por tal fórma se encontram tão apagados pela acção do tempo que se torna impossivel a sua leitura. Eis a traducção:

EIS AQUI ALCIDES DOMINADOR DE GENTE IBERA
CESAR SUBMETTEU AO JUGO OS REINOS DA GALLIA
O PIO REI MANUEL VICTORIOSO SOBRESAE INGENTE
EXTENDENDO O IMPERIO ATÉ O ORIENTE EXTREMO.

CAPITULO VI

Em que se trata do corpo da egreja até ás grades do cruzeiro e do que ahi se contém.

35. Entrando pela porta principal d'este templo ficam logo á entrada duas capellas que estão debaixo do coro; uma, seja esta a primeira de que se fale, é do Senhor dos Passos, a qual imagem é de tão soberano feitio e tal aspecto que move a muita devoção e respeito a quem n'ella põe os olhos, e é milagrosa; o adorno d'esta capella e sua fabrica é singular e os paramentos de que se serve em a sua procissão são dos mais singulares. Tem uma irmandade muito extendida e lustrosa, de que a senhora infanta primogenita de el-rei D. João V, que Deus guarde, é protectora, e da irmandade nunca se faz provedor senão pessoa titular ou cavalheiro illustre; contém tambem

muitas graças de que gosam os irmãos d'esta irmandade.

36. O papa Clemente IX concedeu para a dita irmandade jubileu que ganham os que n'ella entrarem no dia da entrada, como tambem os que visitarem o altar do Senhor dos Passos no dia de Santa Cruz, desde as primeiras vesperas até o sol posto do outro dia, como no breve que para isto se passou se declara, o qual foi passado em Roma a 8 de abril do anno de 1669 e se guarda no cartorio d'este mosteiro, assim como mais outro breve, tambem concedido no mesmo dia e anno pelo mesmo Summo Pontifice, para ter o altar do Senhor dos Passos privilegio em o oitavario dos santos, em a segunda feira de cada semana, dizendo n'ella qualquer sacerdote missa de defunctos pela alma de algum irmão ou irmã d'esta irmandade. Finalmente é sem duvida esta irmandade, pelo que gosa e de que consta, de grande veneração e respeito entre todas as irmandades porque excede a todas.

37. E da outra parte d'esta capella está a do milagroso S. Leonardo,[25] aonde concorre grande multidão de gente a buscar a protecção d'este santo para suas necessidades; a imagem do qual e mais outras que estão assim mesmo n'este templo, como são a de Nossa Senhora das Estrellas, a de nosso padre S. Jeronymo, a de S. Basilio e a

[25] Actualmente servindo de baptisterio.

de S. Bernardo, se diz que vieram da India, que lá se mandaram fazer para este templo, assim como outras mais que por chegarem quebradas não serviram.

38. Sobre estas capellas, que são quadradas de vinte e dois palmos e meio por cada parte cada uma, se formam as duas torres dos sinos que ficaram, como se disse, por acabar e imperfeitas; e immediatamente pegadas ás sobreditas capellas, para a parte de cima da egreja, ficam dois vãos arqueados do mesmo tamanho que ellas, da mesma proporção, de abobada de pedraria toda mui bem lavrada como as capellas, e da mesma sorte assim todo esse vão do meio, que corre entre ellas, desde a porta principal da egreja até os tres arcos que ahi se formam, e sobre que as grades de cima do côro e das tribunas se firmam. Sobre este vão do meio fica o côro mettido entre as duas torres dos sinos e entre as duas tribunas, mas estreito e não conforme ao que devia ser, porém como foi posto aqui por remedio, como se advertiu, se desculpa de que ficasse assim; é de boa esculptura o seu lavor e bastante capacidade para ainda mais religiosos do que pode esta communidade manter. Conta o seu comprimento até ás grades oitenta e oito palmos; no meio das grades está uma devotissima imagem de Christo[26] crucificado, de mui grande estatura, a qual deu para o dito logar o

[26] Hoje no altar da capella baptismal.

infante D. Luiz, filho do senhor rei D. Manuel. De uma e de outra parte do côro ficam duas tribunas em que estão dois orgãos[27] grandes, um que é de vinte e quatro *registos* e outro de doze *registos* e mais dois orgãos[28] pequenos, junto ás grades, que são de seis *registos* cada um. Não se deve passar em silencio a livraria[29] d'este côro, que sem duvida é das melhores que se dão para este ministerio, não pela lettra só e pelo canto dos livros que é tudo singular, mas tambem pelas admiraveis illuminuras de que constam os ditos livros, que são de grande estimação e todos como

---

[27] O da direita tem o seguinte lettreiro:

MANOEL
MACHADO TEIX^A
D'MJRANDA O FEZ
E O ACABOU NO
ANNO DE 1781

e o da esquerda este outro:

O EX.^MO D. F.^R DIOGO DE=
JEZVS JARDIM SENDO
BISPO DE PERNAMBVCO
MANDOU FAZER
ESTE ORGAÕ NO AN=
NO DE 1789

[28] Não ha noticia do destino que tiveram. Em seu logar ha outros dois, um mais antigo, de treze registos, hoje inutilisado, mandado para alli, da extincta patriarchal da Ajuda, pela rainha D. Maria segunda. O outro muito pequeno e moderno é improprio d'este templo, porém é o que serve nos officios divinos. Parece que foi para lá mandado das obras publicas.

[29] Ignora-se o destino que teve.

é tradição d'esta casa foram escriptos por monges da mesma Ordem.

39. Indo abaixo á egreja em que ficámos, tem esta desde a sua porta principal até ás grades que a dividem do cruzeiro, em comprido duzentos e vinte e tres palmos e de largo cem palmos e meio, sustentando-se o seu tecto, que é quasi todo de esteira e de enlaçados de pedraria bem lavrada, em oito admiraveis columnas, que quatro de cada parte fazem a divisão de tres naves, de que consta o corpo d'esta egreja, que é contra o que affirma o padre mestre Siguença, em a descripção d'esta casa, que se acha na terceira parte da chronica d'esta Ordem,[30] entendel-o-ia porém assim, sobre que não disputamos. Duas d'estas columnas se levantam e se formam de entre arco e arco, dos tres que por baixo das grades do côro ficam lançados, com notavel architectura; outras duas mais das sobreditas columnas servem não só de sustentaculo ao tecto do corpo da egreja por essa parte, mas tambem pela outra ao tecto do cruzeiro, pela qual razão são de maior grossura e fortaleza que as outras seis, que são mais delgadas, de que procede o condemnarem alguns a delicadeza d'ellas, por assentarem não ficar d'essa maneira a obra d'este edificio segura; mas o contrario tem mostrado a experiencia de tantos annos, em que se tem conservado com firmissima segurança. O certo

[30] Pag. 84, Cap. XVII.

é que o architecto d'esta fabrica admiravel se chamava o mestre Boytac, que era francez de nação, como se diz, sendo trazido por um monarcha tão grande,—que foi como affirmam os escriptores o maior que teve n'aquelles tempos o mundo, temido e respeitado em todo elle,—para uma obra tão insigne e tanto do seu empenho, não é crivel que mandasse buscar e se quizesse assim valer de qualquer mestre de architectura, que não fosse o mais insigne n'essa tal arte, para que não commettesse contra ella os defeitos e os erros que o padre mestre Siguença, na descripção d'esta casa, julga por tantas vezes, mas nem por isso deixa de ter esta obra a estimação e agrado dos mais peritos. Todas estas oito columnas de que vamos aqui falando são de tanta galanteria em seu lavor desde o baixo até ao alto e com tantos nichos á roda n'ellas, e imagens de santos de que haviam de ser ornadas, que faz tudo causar grande gosto em se vêr.

40. Dentro da parede que fica para a parte do norte, e fronteira á porta travessa d'este sumptuoso templo, estão dez confessionarios,[31] além de dois

---

[31] Na parte inferior do nicho do quinto confessionario contando da capella-mór ha o seguinte lettreiro:

DEVS QVARITAS EST SS ET
QVI MANET S IN QVARITA...

cuja traducção é assim:

Deus é caridade; e assim aquelle que permanece na caridade.

mais, que já não servem, na capella do Senhor dos Passos, que vem a fazer doze, e por cima de seus portaes que são admiravelmente lavrados, com nichos, e sobre estes suas cupulas, que vão fenecer em pyramides, aberto tudo e vazado com tanta miudeza de obra que parece se não podia lavrar em pedra marmore toda essa galanteria. Consta cada um dos confessionarios de sua casa bastante e muito bem accommodada, assim para a parte da egreja como tambem para a parte do claustro, ficando entre este[32] e o penitente uma grade de ferro com seu raro que tem de bronze.

[32] Assim está no mss., mas devia ser—*entre o confessor*, etc.

CAPITULO VII

Que trata do cruzeiro da egreja e do mais que n'ella se contém.

41. É este cruzeiro de tão singular fabrica em a sua architectura que ainda aos mais versados n'ella causa assombro, vendo como em tanto vão de que consta, por respeito de sua muita altura, comprimento e largura, possa ficar o seu tecto quasi direito e de esteira e com mui pouco arqueado e sem ter pilar ou columna alguma no meio em que se podesse suster, que parece não podia estar segura d'esta sorte toda essa grande machina; é tão sublime e levantada a altura d'este cruzeiro que mal se pode chegar lá cima com qualquer tiro de mão que cá debaixo se lance; tem de comprido, isto é, das grades do corpo da egreja até ás da capella-mór, oitenta e nove palmos, e de largo, isto é, das grades de uma e outra

capella que lhe fica de uma e outra parte, cento e trinta palmos; o tecto é de enlaçados de pedraria bem lavrada, que fecham todos em diversos escudos de bronze, que constam de varias pinturas, como são as armas reaes, as d'esta religião e as insignias dos quatro Evangelistas.

42. Estão n'este cruzeiro collocados seis altares dentro das mesmas paredes, feitos á roda seus arcos de mui bastante altura e largura, e ricamente lavrados, em que estes se formam de uma e outra parte dos sobreditos altares; o primeiro e que fica da parte do Evangelho junto á porta da sacristia é de Nossa Senhora de Belem, orago d'este templo e mosteiro, a imagem da qual é formosissima e de grande estatura, de vestidos[33] e milagrosa; não é a da antiga ermida que aqui estava, ainda que não deixe de existir n'esta casa como sempre existiu e se tem hoje[34] no ante-côro, porque antes esteve sempre em uma capella das duas grandes do cruzeiro e é de menor estatura que a outra imagem de que aqui se fala de Santa Maria de Belem e não é como esta de vestidos mas estofada.

43. O segundo altar d'esta parte do Evangelho e junto ao pulpito d'elle é do nosso padre S. Jeronymo, em figura de penitente, com o Senhor crucificado em uma mão, e batendo com a outra

---

[33] Que os tem bastante ricos.

[34] Está em poder da administração da Casa Pia na capella da cerca denominada do Santo Christo, onde tivemos occasião de a vêr.

nos peitos com uma pedra, que causa grande attenção e devoção áquelles que põem n'ella os olhos e de quem disse el-rei Filippe, o Prudente, quando a viu, estas palavras

Miren que me quiere hablar.

Debaixo do nicho d'esta santa imagem, em um santuario que ahi está com sua vidraça por fóra, está uma reliquia do dito Santo Doutor, que é um pedaço do casco da sua cabeça; á roda do nicho estão seis imagens de meios corpos de summos pontifices santos e com reliquias tambem olhando como admirados d'este oraculo e prodigio de doutrina e santidade que Deus creou no mundo para bem da sua egreja. No alto do retabulo d'este altar fica no meio uma cruz[35] com o calvario, haste e braços de crystal, tudo que terá dois palmos de alto, com o Senhor crucificado n'ella, e nos lados d'este nicho em que fica a dita cruz estão, em outros dois mais que ahi ficam, duas cabeças de santas virgens e martyres, uma que é de Santa Prisca e outra das onze mil virgens, cada uma das cabeças guardada em sua custodia de prata sobre doirada, de feitio singular e guarnecidas á roda de muitas reliquias. Estas duas santas cabeças que estão n'este altar deu para este santo templo a rainha D. Catharina, mulher de el-rei D. João III,

---

[35] Foram inuteis todas as nossas investigações para saber o destino que teve esta joia.

a de Santa Prisca lh'a mandou, á dita rainha, de Alemanha, sua sobrinha a imperatriz D. Maria, mãe do cardeal Alberto, que foi depois vice-rei d'este reino. Teve esta Santa Prisca n'esta casa uma irmandade que foi com seu compromisso confirmada por auctoridade do arcebispo de Lisboa, o qual se chamava D. Miguel de Castro, como consta da sua provisão passada na dita cidade a 10 de dezembro de 1590, que se guarda no cartorio d'este mosteiro, junto com outros papeis que referem o que aqui fica dito d'esta santa cabeça de Santa Prisca, como d'elles tambem consta que a dita irmandade se instituiu depois que os inglezes entraram em Lisboa no tempo do rei Filippe II, que governava já estes reinos, e se ter provavelmente que por intercessão da santa não fizeram os taes inglezes mal algum a este mosteiro. E outra santa cabeça de uma das onze mil virgens mandou a rainha D. Catharina para esta casa, e se entregou n'ella por um notario apostolico e capellão da rainha, chamado doutor Travassos, com um instrumento da dita cabeça, de que tudo passou fé a 26 de novembro de 1540, o qual instrumento se guarda no cartorio d'esta casa.

44. É este altar de nosso padre S. Jeronymo privilegiado *pro Defunctis,* dizendo n'elle missa algum sacerdote d'esta casa, tão sómente pela alma de algum fiel christão que partir d'este mundo, conseguindo a dita alma, do thesoireiro da egreja, indulgencia até tanto que seja livre das penas do

purgatorio, como consta da bulla que se guarda no cartorio d'esta casa do papa Gregorio XIII, passada em Roma *Idibus Januarii* do anno de 1584 no 13.º de seu pontificado, a qual começa *Omnium saluti paterna charitati intenti.*

45. No meio d'estes dois altares de Santa Maria de Belem e do nosso padre S. Jeronymo se levanta uma columna de pedraria bem lavrada na altura do vão que se formou para os altares, em cima da qual está uma figura doirada do fundador d'este templo, o senhor rei D. Manuel.[36]

46. Da outra parte do arco da capella-mór, que é da banda da Epistola, fica logo o altar de nossa madre Santa Paula, com muitas imagens de santas de meio corpo e com reliquias nos peitos e em seus nichos as taes imagens á roda do da santa matrona Paula; por cima d'este está o de Nossa Senhora d'Ajuda em uma cadeirinha assentada, com o menino Deus ao collo e dois anjos aos lados; é de pequeno vulto esta imagem antiquissima e se diz se achou n'esse mesmo logar em que se erigiu a egreja parochial, com esse mesmo titulo de Nossa Senhora d'Ajuda, e é aonde hoje se vê a egreja em a qual parochia está este mosteiro e que fôra o descobrimento d'esta imagem antes de se tomar aos moiros por el-rei D. Affonso Henriques a cidade de Lisboa, e assim se tem ser a egreja e freguezia mais antiga que aquella cidade;

---

[36] Está substituida por uma figura qualquer.

depois de estar já este mosteiro fundado, governando este reino, na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, a rainha D. Catharina a mandou mudar para elle, ainda que houve pleito sobre a mudança, se assentou que ficasse n'este templo. Está mais n'este altar de Santa Paula, debaixo de seu mesmo nicho, outro pequeno com sua vidraça por fóra, em que se conserva uma pequena imagem do Martyr S. Sebastião, que terá pouco mais de um palmo, e é muito milagrosa, de quem se diz que n'este reino extinguira já uma grande peste que n'elle houve; conserva-se no mesmo nicho uma reliquia de S. Roque, que é um dedo do dito santo, encerrada em uma custodia.

47. O outro altar que se segue d'esta mesma parte da Epistola é o de Nossa Senhora das Estrellas, imagem mais milagrosa e dos muitos milagres que tem feito faz menção o servo de Deus fr. Diogo de Jesus, monge professo d'este mosteiro, em um livro manuscripto de varias materias e tratados, que se guarda na livraria d'esta casa, e tambem n'elle faz menção de uma devota irmandade que debaixo da protecção d'esta mesma Senhora houve n'esta egreja, pela qual irmandade se alcançou um breve, que no cartorio d'este mosteiro se conserva, do papa Innocencio X, dado em Roma a 6 de fevereiro do anno de 1652, em que concede varias graças a esta irmandade.

48. Entre estes dois altares de Nossa Senhora das Estrellas e o de nossa madre Santa Paula se

levanta uma columna de pedraria bem lavrada, na altura do vão que se formou para os ditos altares, e á imitação da outra que fica entre os dois altares da outra parte, sobre a qual está a figura d'el-rei D. João III.[37]

49. Voltando para a parte do sul estão mais outros dois altares dentro de arcos de pedraria, mais bem lavrada da mesma sorte que os outros dos mais altares d'este cruzeiro, de que vamos agora falando, um de Santa Eustochia,[38] virgem, filha de nossa madre Santa Paula, e que lhe succedeu no governo dos mosteiros das religiosas d'esta Ordem, e o outro altar é do insigne portuguez Santo Antonio, a qual imagem, dizem, veiu de Italia e é differente das mais que se fazem d'este santo, que não se acham com barbas como esta tem. Fica cada um d'estes dois altares em seu lado do arco grande da capella aonde está el-rei D. Sebastião com mais outros corpos reaes sepultado. Defronte d'estes dois altares estão, em correspondencia dos arcos d'elles, outros dois arcos tambem do mesmo lavor de pedraria e collateraes ao arco grande da outra capella defronte, onde está sepultado com mais outros corpos reaes o cardeal rei D. Henrique; dentro de cada um d'estes dois arcos, collateraes a esta dita capella, fica ahi sua porta, uma que entra para a sacristia e outra para o claustro principal.

[37] Vid. nota 34.

[38] Hoje de Nossa Senhora das Dores.

CAPITULO VIII

Que trata da capella-mór d'esta egreja e o que n'ella ha que dizer.

5o. Supposto que esta capella-mór esteja feita com grande custo, e levantada toda á roda sobre columnas que vão em duas ordens, correndo por baixo as que são em maior grandeza e menor as de cima, e sendo tudo de excellente pedraria, não é, porém, da mesma obra da egreja e do cruzeiro, mas differente; mandou-a fazer a rainha D. Catharina, mulher de el-rei D. João III. O reverendissimo padre mestre Siguença, na descripção que fez d'esta casa, na terceira parte da Chronica da Ordem,[39] diz que esta capella-mór se fez em logar de outra que já se havia feito, e que por ser

[39] Cap. xvii, pag. 84.

pequena se desmanchou para esta se fazer, mas enganou-se n'isto que diz, como em outras coisas mais que escreve d'esta casa, que não se ajustam bem com a direcção regular que levava o famoso edificio de todo este mosteiro; seria por mal informado ou por assim lhe parecer por falta de applicação, como devia de vêr esta obra; porque, conforme a tradição dos antigos, e como o pede a mesma obra da egreja e do cruzeiro e mais capellas, havia a dita capella-mór de ser com o demais edificio proporcionada e condizer uma obra com a outra, e assim d'esta sorte se vê que o acertado pedia maior grandeza e outra fabrica e feitio, como assim o estão mostrando tambem os mesmos pulpitos, que no admiravel arco que dá entrada a esta capella, que é de tão excellente lavor como o são os pulpitos, que se formaram para n'elles se cantarem em a missa as Epistolas e Evangelhos; por estes mesmos respeitos se esculpiram n'elles as imagens de meio relevo que ahi estão, nos do Evangelho as dos quatro Evangelistas e nos da Epistola as dos quatro Apostolos que as escreveram, não contando S. João, que vae entre os Evangelistas; e para serventia e ministerio dos pulpitos requeriam uma capella-mór mais larga e mais comprida, que tivesse maior vão, e assim tambem por respeito e attenção ao côro que n'ella se havia de collocar, e que havia ahi e não aonde está, e por remedio se poz.

51. Além do que mostra-se mais não ser assim

o que o padre José[40] Siguença diz, porque ainda na quinta do conde de Santa Cruz, que é hoje tambem marquez de Gouveia, se acharam alicerces que para a capella-mór se abriram, de que ainda se vêem vestigios, e a tradição dos antigos confirma isto mesmo, e porque tambem além de tudo assim ser necessario para a capacidade de todo o ministerio que havia de haver na capella-mór; tambem se haviam de lavrar catacumbas para se collocarem os corpos das pessoas reaes que fallecessem; o certo é que não estava a capella-mór ainda feita quando o senhor rei D. Manuel falleceu, e só havia alguns principios, como temos dito, de que se começava a levantar e fabricar na sua obra o edificio, e por não se continuar com ella, e não ficar um tão magnifico edificio com o tal defeito de não ter capella-mór, se lhe mandou fazer esta que agora tem, que, supposto seja de grande custo e bem obrada, não condiz com a mais obra e é muito differente d'ella.

52. Tem esta capella-mór, que mandou fazer a rainha D. Catharina, das grades de sua entrada até os degraus que sobem para o altar-mór, que é o seu comprimento, cincoenta e nove palmos e meio e de largo trinta e sete. Consta toda ella á roda de trinta e duas columnas de pedra de Extremoz, sendo as dezeseis debaixo de muito com-

[40] O mss. tem *Manoel* em vez de José, pois era este o nome do referido escriptor, erro devido a escrever *Manoel* por *mestre*.

primento e grossura, e as de cima mais delgadas e pequenas; vão correndo de duas em duas pelas paredes até o ovado que fórma a capella d'onde fica o altar-mór, porque ahi estão sómente por baixo quatro e outras tantas por cima sem estarem acompanhadas, mas cada uma só por si; cobrem os capiteis de umas e outras columnas das debaixo e das de cima umas cimalhas que vão á roda das paredes de toda esta capella, a qual se fecha em abobada de pedraria azul e vermelha, que se fórma em quadrados guarnecidos de pedra branca, e doirados seus perfis, o que tudo se vae seguindo assim d'esta maneira na proporção da postura das columnas sobre que se estriba, e toda a obra d'este tecto se levanta com as paredes juntamente que as acompanham.

53. Entre as duas columnas que estão no meio d'esse rotundo que faz de meia laranja em a sua cabeceira a capella-mór fica o sacrario de prata em que o Santissimo Sacramento se encerra, o qual sacrario prometteu e mandou começar a fazer el-rei D. Affonso VI, em acção de graças a Deus pela mercê que lhe fez da victoria que lhe deu na batalha de Ameixial depois da restauração de Evora, porque estando aqui em Belem quando lhe trouxeram esta nova entrou logo n'este templo a dar a Deus graças por ella, cantando a communidade o *Te Deum laudamus* e fez logo ahi o sobredito monarcha a tal promessa d'este sacrario, que mandou se começasse a fazer, o qual el-

rei D. Pedro II seu irmão, depois que tomou posse d'estes reinos, como principe regente d'elles, mandou tambem continuar na sua obra, até que de todo se acabou; assim se deve entender o lettreiro que na porta do sacrario se pôz, que diz assim:

O PRINCEPE · D · PEDRO QVEDEOS GOARDE
DEV ESTE SACRARIO AESTE REAL MOS
TEIRO DE BELLEM NO ANNO DE 1675.

Tem o sacrario quinze palmos e meio de ambito e de alto vinte palmos, debaixo d'elle se formou para dentro uma casa pequena de abobada lavrada de pedraria, que está servindo ao sacrario de base e fundamento, e dá claridade a ella não só a entrada de um arco pequeno que tem, mas tambem uma fresta com sua vidraça que fica no fim da casa em que estão tres caixões que a tomam toda e n'elles depositados os corpos de el-rei D. Affonso VI, que está no meio, e á sua mão direita o do principe D. Theodosio, seu irmão, e á mão esquerda o da infanta D. Joanna, sua irmã.

54. Entre duas columnas de um e de outro lado d'este sacrario ficam dois quadros grandes de adoração dos reis magos, que são de pintura antiga, fazendo suas offertas ao menino Deus nascido em Belem, e antes de se pôr ahi o sacrario estava n'esse mesmo logar outro quadro como estes, que continha uma pintura de Nossa Senhora assentada com seu sagrado filho nos braços e a do

santo rei mais velho adorando de joelhos, e supposto se tirasse o quadro para se pôr em seu logar o sacrario, sempre ficou na porta d'este, estampado de meio relevo em prata, o mysterio da adoração d'estes santos tres reis. Sobre o sacrario e os dois quadros que lhe ficam aos lados estão entre as columnas de cima mais tres quadros tambem guarnecidos, como os debaixo, de molduras de pedrarias mais finas; no do meio está descido da cruz o corpo de Nosso Divino Redemptor, lançado sobre um lençol, deante de sua dolorosissima mãe; de uma parte está outro quadro em que se vê o mesmo Redemptor com a sua cruz ás costas, e da outra parte outro quadro com o Senhor atado á columna em que foi por nosso amor açoitado.

55. Toda a obra d'esta capella é de pedraria mui fina, que se está n'ella vendo qualquer pessoa como se fosse em um espelho, mas é toda de obra liza, de que se deixa bem vêr o quanto uma da outra differe, e com tanta differença de vantagem que vendo o grande rei das Hespanhas, Filippe o Prudente, a obra d'este edificio, que na vida de seu fundador se tinha n'elle lavrado, e que deixou depois de sua morte já feita, chegou com verdade a romper n'estas palavras: *Nada se ha hecho en el Escurial!* E assim é, porque ao animo generoso do monarcha, que emprehendeu com tanto zelo esta obra maravilhosa, correspondia o architecto e mestre d'ella com toda a satisfação e

desempenho, por ser na arte de architectura tão insigne que por tal foi trazido para mestre de fabrica[41] como esta, de tanto empenho; e tanto se fiava este perito architecto na sciencia grande que tinha d'esta materia, que reprehendendo-o o dito monarcha, a quem servia n'este edificio, por faltar em certa occasião á attenção para com um grande d'este reino, o que seria por descuido ou pelo não conhecer; e como o dito senhor instasse na reprehensão que lhe dava, lhe respondeu o mestre Boytac, que assim se appellidava *Senhor, V. A. em os seus reinos pode fazer quantos grandes quizer, mas não a um mestre Boytac porque isso só Deus o faz.*

56. No pavimento d'esta capella-mór, em logar mais levantado, se formam entre duas e duas columnas das grandes que ficam da parte debaixo quatro famosos mausoleos de pedraria branca, vermelha e azul, que estão sobre dois elephantes de pedra azul, cada um lavrado tudo mui bem de obra liza. No primeiro mausoleo que fica da parte do Evangelho está o corpo do grande monarcha o senhor rei D. Manuel, fundador d'este insigne templo e mosteiro, com seus epitaphios em dois disticos, que são, como os mais lettreiros que estão na sepultura d'esta capella-mór, do famoso Lucio[42] André de Resende e dizem assim:

---

[41] Mestre Boytac já estava em Portugal annos antes de se começar este edificio.

[42] Vid. nota 18.

LITORE AB OBCIDVO · QVI PRIMI AD LVMINA SOLIS
EXTENDIT CVLTVM · NOTITIAMQVE DEI ·
TOT REGES DOMITI · CVI SVBMISERE TIARAS ·
CONDITVR HOC TVMVLO · MAXIMVS EMMANVEL · [43]

57. Em outro tumulo abaixo d'este e da mesma parte do Evangelho está o da rainha D. Maria, sua segunda mulher, com seu lettreiro, que diz:

MARIA FERNANDI CATHOLICI CASTP · REGIS · F ·
D. EMMANVELIS · LVSIT · REGIS · P · F · INVICTI CONIVX
MIRA IN DEVM PIETATE INSIGNIS · AC BENE DE
REPVB · SEMPER MERITA · H · S · E · [44]

58. Da outra parte da Epistola, no primeiro logar, está um mausoleo d'el-rei D. João o III com os disticos seguintes:

PACE DOMI · BELLOQVE FORIS · MODERAMINE MIRO
AVXIT IOANNES TERCIVS IMPERIVM ·
DIVINA EXCOLVIT · REGNO IMPORTAVIT ATHENAS ·
HEIC TANDEM SITVS EST · REX · PATRIAEQVE PARENS [45]

---

[43] AQUELLE QUE DA PRAIA OCCIDENTAL ATÉ ONDE NASCE O SOL
ALARGOU O CULTO E O CONHECIMENTO DE DEUS
A QUEM TANTOS REIS SUBJUGADOS SUBMETTERAM AS COROAS
JAZ N'ESTE TUMULO MANUEL O GRANDE

[44] MARIA FILHA DE FERNANDO O CATHOLICO REI DE CASTELLA
MULHER DE D. MANUEL REI DA LUSITANIA (PORTUGAL) P. F. INVICTO
INSIGNE NA ADMIRAVEL PIEDADE PARA COM DEUS
E SEMPRE BENEMERITA DO ESTADO, AQUI ESTA SEPULTADA.

[45] ADMIRAVEL NA PAZ DO REINO E NA GUERRA DO EXTRANGEIRO
JOÃO III AUGMENTOU O IMPERIO
CULTIVOU O REYNO IMPORTANDO AS SCIENCIAS DE ATHENAS
AQUI FINALMENTE JAZ REI E PAE DA PATRIA.

59. Em outro tumulo abaixo d'este e da mesma parte está o da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, com seu lettreiro, que diz:

CATHARINA PHILIPPI·I·CASTEL·REGIS·F·IOANNIS·III·LV SITAN REGIS·P·F·INVICTI CONIVX MAGNI ANIMI PI ETATIS EXIMIAE PRVDENTIAE SINGVLARIS ET IN· COMPARABILIS EXEMPLI REGINA·H·S·E·[46]

[46] CATHARINA FILHA DE FILIPPE I REI DE CASTELLA MULHER DE JOÃO III REI DA LUSITANIA (PORTUGAL) P. F. INVICTO RAINHA DE GRANDE ANIMO EXIMIA NA PIEDADE SINGULAR NA PRUDENCIA E EXEMPLO INCOMPARAVEL AQUI ESTÁ SEPULTADA.

CAPITULO IX

Em que se descrevem as duas capellas grandes que ficam de uma e outra parte na largura do cruzeiro e do que n'ellas ha.

60. As capellas grandes do cruzeiro da egreja, assim a da parte do Evangelho como a outra defronte que fica da parte da Epistola, são do mesmo tamanho e de quarenta e seis palmos de comprido e trinta e sete de largo cada uma, e os arcos que lhes dão, a uma e á outra, entrada, são da mesma altura e largura e com a mesma variedade de lavor que a do arco da capella-mór, e os tectos d'estas capellas são tambem com os mesmos enlaçados de pedraria lavrada, que os da egreja e cruzeiro, de que consta certamente que ainda antes da morte d'el-rei D. Manuel se acabaram tambem. Contém cada capella d'estas dentro de si nove arcos de pedraria, tres em cada parte, e com

bastante vão para dentro das paredes cada um, e com seus embutidos de differentes castas de pedra, que não sómente nos ditos arcos, mas tambem em muita da obra que vae por cima das cimalhas d'elles correndo, se deixam vêr d'estes arcos, que com seus concavos se formam nas paredes das capellas, uns servem para altares e outros para sepulturas, desproporção grande que se extranha! Entende-se que ao principio se fizeram para servirem, não de sepulturas, mas de altares, principalmente os tres que estão nas cabeceiras d'estas capellas e fronteiros aos arcos grandes que dão a ellas entrada, o que é sem duvida, porque sempre serviram de altares.

61. Depois que se trasladaram do meio d'estas capellas os corpos do cardeal rei e d'el-rei D. Sebastião, onde estavam até então sobre eças, os puzeram cada um d'elles no logar onde estava o altar mais principal e levantado de cada uma das capellas, que era como d'ellas o altar-mór, o que se fez d'essa maneira por eleição e escolha do capellão-mór, arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa, que depois foi cardeal, a quem então se commetteu a diligencia de eleger sitio n'este templo para esta trasladação, e escolheu o dos altares que temos dito e se tiraram as santas imagens que n'elles estavam, para se fazerem os mausoleos, havendo n'este templo tantos logares capacissimos, onde se podiam pôr com magestade, sem se bulir nos altares que serviam de mais superior ministerio.

62. Na capella, d'estas duas, que fica da parte do Evangelho, na parte superior e levantada, onde estava o altar mais principal, como se disse, se fabricou o mausoleo á maneira e na mesma fórma dos que estão na capella-mór, para n'elles se collocar o corpo do rei cardeal, que quando ahi se collocou estava todo inteiro e organizado sem lhe faltar parte alguma do corpo, que sobre a armação de todo estava com a pelle sêcca, e vestido com as roupas de cardeal, de que é testemunha de vista quem escreveu este papel, que o viu bem devagar por muitas vezes, e o dizer-se que um braço seu e a cabeça está no collegio de Evora da Companhia de Jesus, de que foi fundador, bem pode ser, mas será por figura de rhetorica, tomando-se pelo effeito a causa, pois não consta que tivesse mais de dois braços e uma cabeça só, que da maneira que cá se viu estar o seu corpo em Belem diz o epitaphio, que se lhe pôz n'este novo mausoleo, que em dois disticos se fez, e se diz que pelo excellentissimo marquez d'Alegrete, Manuel Telles da Silva, estão d'esta maneira:

HIC IACET HENRICVS GEMINO DIADEMATE CLARVS,
QVOD PATRIO SCEPTRO, PVRPVRA IVNCTA FVIT·
CONDITVR, ET REGNVM PARITER CVM REGE SEPVLTVM,
VT FORET IMPERY, VITAQ̃, MORSQ̃ SVI·[47]

[47] AQUI JAZ HENRIQUE ILLUSTRE POR DUAS COROAS
PORQUE A PURPURA SE REUNIU AO SCEPTRO PATRIO
ESTÁ SEPULTADO E EGUALMENTE O REINO SEPULTADO COM O REI
COMO SE FOSSE TANTO A VIDA COMO A MORTE DE SEU REINO.

63. Em os lados d'este mausoleo ficam dois altares com seus retabulos doirados, e lhes servem de frontaes a cada um duas laminas de pedra, com passos da vida de nosso padre S. Jeronymo, tão superiormente esculpidos[48] que por juizo dos que melhor o entendem deviam de estar engastados dos mais superiores metaes, e o mesmo tambem se julga de outras duas laminas[49] mais, que ficam em os outros dois altares, que estão defronte d'estes, em outra capella, de um e de outro lado do mausoleo d'el-rei D. Sebastião que ahi jaz. D'estes dois altares, de que vamos agora falando, que ficam n'esta capella onde está o cardeal rei sepultado aos lados d'esta sua sepultura, um é de Santo Euzebio, discipulo de nosso padre S. Jeronymo e o que depois da sua morte lhe succedeu no mosteiro de Santa Maria de Belem e nos mais da Palestina, onde teve esta religião seu principio, e o outro altar da outra parte d'esta sobredita sepultura é o Santo Apostolo das Indias Orientaes, S. Francisco Xavier, de que ha tradição n'esta casa, que antes de embarcar para essa sagrada missão prégara n'este templo de Belem no mesmo pulpito portatil que ahi havia de madeira e esculptura, e que sempre ahi serviu para esse ministerio das prégações, até que a serenissima rainha da Gran-Bretanha, D. Catharina, irmã d'el-rei D. Pedro II, o

[48] São obra do esculptor francez Nicolau, o mesmo que trabalhou no convento da Pena em Cintra.

[49] Vid. nota antecedente.

mandou ir, por devoção que tinha ao dito santo, para a sua capella da Bemposta, aonde está.

64. Em um sacrario que está por baixo da imagem do dito santo Xavier, que está n'este altar de que falamos, se guarda uma reliquia sua, que é de uma parte de seu figado, a qual alcançou dos padres da Companhia, para esta casa, João Rabello do Campo, pessoa que foi conhecida na côrte, onde assistia, e mandou fazer tambem o retabulo para o altar do mesmo santo, que como aqui esteve n'esta casa antes de partir para a sua missão da India, onde fez tanto fructo com a prégação do sagrado Evangelho e com sua vida apostolica e pela grande devoção que tinha a Nossa Senhora, a quem esta casa é dedicada e tambem a nosso padre S. Jeronymo, que n'ella assistem, e da dita casa se partir para tão memoravel empresa, era bem que não faltasse n'ella sua memoria continua, como prenda de tanta veneração e agrado, como é a que logra e a que possue além da de sua santa imagem e de suas mesmas entranhas que tanto estima.

65. Estão mais n'esta dita capella quatro mausoleos de infantes, e todos que n'ella estão são filhos d'el-rei D. Manuel, e em todos os mausoleos estão seus disticos que declaram quem foi cada um dos sobreditos infantes, e foram os taes epitaphios feitos pelo monge d'este mosteiro e grande servo de Deus, chamado fr. Diogo de Jesus, de quem já acima se fez menção, e se fará tambem

memoria quando se escrever dos varões illustres d'esta religião. Em cada parede das ilhargas d'esta dita capella ficam dois dos referidos mausoleos, e da outra parte, na capella a esta fronteira, da mesma sorte; e todos mui bem obrados em pedra branca e vermelha, com suas grades por fóra, de balaustres de pedra, assim como todos os mais mausoleos que n'este templo estão. No meio dos que agora vamos falando, de cada uma d'estas duas capellas, lhes fica seu quadro com seu altar, em que se diz missa, de pintura excellentissima os ditos quadros.

66. Dos mausoleos dos infantes que n'esta capella ficam, começando da parte do nascente e do que fica junto do altar de S. Francisco Xavier, está com o corpo do infante D. Luiz o do infante D. Carlos, seu irmão, com os disticos seguintes:

MAGNVS CONCILIJS INFANS LVDOVICVS ET ARMIS,
HOC SILET ANGVSTO MORTE IVBENTE LOCO;
FRATER ET HIC CAROLVS, CAROLI SPES ALTERA MAGNI,
AH NISI MARCERET FLOS VBI PARTVRIJT![50]

67. Segue-se logo o altar da Visitação da Virgem Senhora nossa e sua prima Santa Izabel, da mesma pintura que acima dissemos, e depois d'este

[50] O INFANTE LUIZ, GRANDE NOS CONSELHOS E NAS ARMAS, POR DECRETO DA MORTE, DESCANÇA N'ESTE APERTADO LOGAR E TAMBEM SEU IRMÃO CARLOS OUTRA ESPERANÇA DO GRANDE CARLOS, SE NÃO MURCHASSE EM FLOR AO NASCER.

altar, junto ás grades d'esta capella, fica outro mausoleo, que contém os corpos do infante D. Duarte, que foi casado com D. Izabel, filha do duque de Bragança D. Jayme, de cujo matrimonio veiu á dita casa de Bragança a legitima successão da corôa d'este reino, e de sua irmã D. Maria, e dizem os disticos que se lêem por fóra d'esta maneira:

CLAVDIT IN HOC INFANS ODOARDVS MEMBRA SEPVLCHRO,
CARPTAQVE PRIMÆVO LACTTE MARIA SOROR·
IVRE BRIGANTINÆ DOMVI REGNVM ILLE POPOSCIT,
IOANNES QVARTVS CÆLITOS OBTINVIT·[51]

68. Da outra parte d'esta capella, que fica para o poente, junto ao altar de Santo Eusebio Cremonense, está um mausoleo do infante D. Affonso, bispo que foi de Vizeu e arcebispo de Lisboa, e cardeal da santa egreja de Roma, com seu epitaphio que diz:

HÊV QVOT IN ALFONSO UIDVANTVR HONORE TIARÆ!
PLORAT OLYSSIPPO, ROMA RVBENSQVE TOGA;
VISENSES PVERI, QVOS IPSE FIDE ERVDIEBAT;
SOLAQVE CONGAVDENT ÆTHERA CIVE SVO·[52]

---

[51] ENCERRA ESTE SEPULCHRO OS RESTOS DO INFANTE DUARTE
E DE SUA IRMÃ MARIA, ARREBATADA AO TOMAR O PRIMEIRO LEITE.
ELLE LEGOU O DIREITO DO REINO Á CASA DE BRAGANÇA.
E ASSIM JOÃO QUARTO OBTEVE O SOLIO.

[52] AH! QUANTAS TIARAS ENVIUVARAM POR HONRA DE AFFONSO.
CHORAM LISBOA, E ROMA A SUA VERMELHA TOGA,
E A INFANCIA DE VISEU A QUEM ELLE MESMO ILLUSTRAVA NA FÉ;
E SÓ SE ALEGRAM OS CEUS COM O SEU NOVO HABITANTE.

69. Segue-se logo o altar do nascimento de Christo, que está n'um quadro, como já se disse, e depois d'este altar, junto ás grades d'esta capella, fica um mausoleo do infante D. Fernando e do infante D. Antonio, que, ao nascer, serviu o parto que d'elle teve a rainha de causar a morte a ambos, e diz o epitaphio assim:

Hic necis imperio Fernandvs svbiacet Infans,
Mæcenas doctis, præsidivmqve viris;
Ventris ab egressv dormitqve Antonivs Infans
Vt pede qvam terram tangeret astra privs.[53]

70. N'outra capella que fica a esta defronte, e para a parte do sul, se fabricou, no mais levantado d'ella, onde estava o altar principal, o mausoleo que se fez da mesma maneira que o outro em que o corpo do cardeal rei se collocou, para se trasladar para elle da eça em que no meio d'esta capella estava o corpo de el-rei D. Sebastião, se na verdade o é, como diz o epitaphio, que em dois disticos se lhe poz, compostos como se diz pelo Excellentissimo senhor conde da Ericeira D. Fernando de Menezes que são como se segue:

---

[53] Aqui jaz no reino dos mortos o infante fernando,
Mecenas e director dos varões doutos;
e tambem repousa o infante Antonio apenas dado á luz,
para que o pé tocasse primeiramente os astros do que a terra.

Conditvr hoc tvmvlo, si vera est Fama, Sebastvs,
Qvem tvlit in Libicis mors properata plagis.
Nec dicas falli, Regem qvi vivere Credit,
Pro lege extincto mors qvasi vita fvit.[54]

71. Os mais principes e infantes que n'esta capella estão sepultados, tirando o do rei D. Sebastião e o da rainha da Gran-Bretanha D. Catharina, que aqui está em deposito, são todos filhos de el-rei D. João III, e os disticos que estão nos seus mausoleos feitos pelo mesmo padre fr. Diogo de Jesus, de quem já fizemos menção. Na parede de uma das ilhargas d'esta capella, que fica para o nascente, e junto ao altar que está ao lado da sepultura de el-rei D. Sebastião, fica um mausoleo do principe D. João, que foi pae d'este rei, e tambem de outro principe que falleceu sendo menino, chamado D. Manuel, e diz o epitaphio assim:

Hic pátitvr lethi Ioannes vvlnera Princeps,
Et pver, et Princeps proh dolor Emmanvel!
Ioannes vno mvltos herede reliqvit,
Vnvs pro mvltis namqve sebastvs erat.[55]

---

[54] N'este tumulo jaz, se é verdadeira a fama, Sebastião,
a quem a morte colheu nas plagas africanas.
Não digas que é falsa a crença de que o rei ainda vive
porque a lei da morte extinguindo-o quasi lhe deu nova vida.

[55] Aqui jaz o principe João ferido pela morte
e (oh! dôr) o recem-nascido principe Manuel!
João deixou muitos herdeiros n'um só
porque em Sebastião havia o valor de muitos.

72. Segue-se logo o altar do mysterio da Encarnação n'um quadro tambem de soberana pintura, e depois d'este altar, junto ás grades d'esta capella, fica outro mausoleo que contém os corpos de dois principes, que ambos falleceram em tenra edade, chamava-se um D. Affonso e outro D. Filippe, e é coisa de admiração e digna de chorar que uns filhos de tão catholicos monarchas e tão pios como foram el-rei D. João III e sua santa consorte a rainha D. Catharina se lhe não lograsse o que soffriam e levavam com a summa e louvavel paciencia. Diz o epitaphio d'estes dois principes que jazem n'este mausoleo:

CERNITVR HOC DVPLICI LACRYMARI PRINCIPE MARMOR,
DVRIOR HÊV TENEROS MARMORE PARCA TVLIT;
AH PVER ALFONSVS LACTET HIC, SOCIANTE PHILIPPO!
PROH REGVM SOBOLES QVAM ATTENVATA IACES.[56]

73. Sobre o altar que fica ao lado da sepultura de el-rei D. Sebastião, para a parte do poente, está em deposito n'um caixão de veludo preto, com pregaria doirada, o corpo da rainha da Gran-Bretanha, a senhora D. Catharina, irmã dos serenissimos reis de Portugal D. Affonso VI e D. Pedro II, até se eleger logar em que se deve collocar; e logo

[56] MOSTRA ESTE MARMORE SEREM CHORADOS DOIS PRINCIPES
AI! A PARCA MAIS DURA QUE O MARMORE ROUBOU-OS EM TENRA EDADE
AH! O INFANTE AFFONSO AQUI JAZ JUNTO DE FILIPPE!
OH! PROGENIE DE REIS COMO ABATIDA FICASTE!

junto ao altar d'este deposito, na parede d'esta capella que corre para a parte do poente, está ahi outro mausoleo que contém dois infantes, que falleceram ambos meninos; chamava-se um D. Antonio e outro D. Diniz, com o epitaphio que diz assim:

IMMATVRA ANTONIVS, ET DIONYSIVS INFANS,
MORTE SVB HOC PRESSI MARMORE MEMBRA TENENT;
AT VELVT EMPYREVM FLORVM EXORNANTIA DONA
GRATVS VTERQVE SVO VIVIT, ODORE DEO.[57]

74. Segue-se logo o altar da gloriosa Santa Anna, representando-se na pintura soberana d'este quadro que ahi está o nascimento admiravel da Virgem Senhora Nossa sua filha; no qual altar houve, para quem o visitasse desde as primeiras vesperas até o sol posto do dia da festa da gloriosa Santa Anna, jubileu, indulgencia plenaria e remissão dos peccados, que concedeu por sete annos o papa Innocencio X, como se vê no breve que passou a 14 de novembro de 1653 e se guarda no cartorio d'este mosteiro. Depois d'este altar, junto ás grades d'esta capella, fica outro mausoleo em que estão os corpos de duas infantas virgens que de tenra edade falleceram; chama-se uma D.

[57] OS MALOGRADOS INFANTES ANTONIO E DINIZ JAZEM
SOB ESTE MARMORE PELO PODER DA MORTE.
COMO FLORES SUBIRAM A ADORNAR O EMPYREO,
E O AROMA DE UM E OUTRO RESCENDE GRATO A DEUS.

Izabel e a outra D. Beatriz, com o epitaphio seguinte:

HIC ISABELA IACENT, ET REGIA VIRGO BEATRIX,
QVAS MORS A TENERIS SVSTVLIT VNGVICVLIS;
HÊV NVLLO VRNA SOLET DISCRIMINE VOLVERE NOMEN,
AVDET ET HÊV VERNAS PERDERE TVRBO ROSAS![58]

75. São por todos, os corpos reaes que estão n'este templo sepultados até o tempo presente, vinte e seis, convém a saber: cinco reis, tres rainhas, cinco principes, nove infantes, oito legitimos e um não legitimo, de que se porá logo aqui seu epitaphio, e quatro infantas virgens. O infante que não foi legitimo, que está sepultado no pavimento da capella de que agora se falou, junto ás grades d'ella, e que se lhe não poz sepultura levantada, como aos mais principes e infantes que aqui estão, por não ser este tal de legitimo matrimonio, chamava-se D. Duarte, filho de el-rei D. João, III e arcebispo que foi eleito de Braga, mas morreu antes que fosse sagrado, diz o epitaphio assim:

REGIA TANTILLO PROLES ODOARDVS HVMATVR
NEC IVUENI VOLVIT PARCERE PARCA, LOCO,
PRIMATEM, DOMINVMQ ELECTVM BRACHARA DEFLET
QVEM VIRTVS POTERAT REDDERE LEGITIMVM.[59]

---

[58] AQUI JAZEM AS REAES VIRGENS IZABEL E BEATRIZ
QUE AS GARRAS DA MORTE ARREBATARAM EM TENRA EDADE;
AI! NINGUEM PODE DISCRIMINAR OS NOMES N'ESTA URNA
E VERAS COMO AS ROSAS DA PRIMAVERA SE PERDERAM NO ABYSMO.

[59] AQUI JAZ O JOVEN DUARTE ORIUNDO DE SANGUE REAL,
NEM POR SER MOÇO A PARCA O QUIZ POUPAR.
BRAGA CHORA O SEU PRIMAZ E SENHOR ELEITO
AO QUAL A VIRTUDE PODERIA TORNAR LEGITIMO.

CAPITULO X

Que trata de algumas coisas mais de que se deve aqui fazer memoria, porque a este mesmo templo pertencem.

76. Estão por todo este templo vinte e quatro janellas entre maiores, que são de altura e largura notavel, e outras menores, mas tambem de bom tamanho, e com vidraças todas de varias côres e figuras, ainda que algumas sómente de vidro branco, e guarnecidas á roda quasi todas, de uma e outra parte, de pedraria bem lavrada que ricamente as adorna, e como são tantas e tão grandes não padece falta alguma de claridade e luz todo este templo em todo o tempo do anno; e já que se fala na luz e claridade, que recebe de suas janellas este templo com abundancia, não é bem que deixemos de fazer memoria da que lhe communica em dois tempos do anno; primeiramente o sol (por ser

coisa singular e em que fazem todos reparo e não deixam de admirar com grande ponderação) no mez de fevereiro antes do equinoxio da primavera e no mez de outubro depois do equinoxio do outono, em alguns dias d'estes dois periodos quando vae descahindo da tarde para se recolher no seu occaso, entra por todo o dormitorio grande e templo d'este mosteiro com raios, reflexos e resplendores, enchendo tudo de tanta claridade de luz que não se conhece bem qualquer pessoa uma á outra, e vae directamente parar no sacrario da capella-mór, em que está o Santissimo Sacramento, onde prostrando-se deante do divino acatamento de seu creador, com os varios reflexos que ahi fórma de suas luzes, lhe toma a obediencia para se ir recolher no seu occaso.

77. É necessario tambem saber-se, e não se passar em silencio, que por causa de tantos corpos de reis e de pessoas reaes que estão n'este templo sepultados (porque todos que estão sepultados são de pessoas reaes, nem dentro d'elle se concedeu até aqui a corpo algum de qualquer outra pessoa sepultura) tem concedido alguns Summos Pontifices muitas graças e indulgencias, que são bem grandes e notaveis e muito particularmente para este templo e que vem a ser como se segue:

78. A rainha D. Catharina, mulher de el-rei D. João III, alcançou do papa Pio IV uma bulla passada em Roma a 17 de setembro do anno de 1561, no segundo de seu pontificado, que começa *Sal-*

vatoris et domini nostri Jesus Christo, pela qual, no dia de S. Barnabé apostolo, em que o dito rei D. João III falleceu, que é a 12 de junho, e no dia de S. Fabião e S. Sebastião martyres, que veem ambos juntos a 20 de janeiro, em que el-rei D. Sebastião nasceu, a qualquer pessoa que desde as primeiras vesperas das ditas festividades até o sol posto dos dias d'ellas visitar a egreja de Santa Maria Belem devotamente e as capellas em que os corpos dos reis e pessoas reaes jazem sepultados, fazendo ahi suas pias exorações pela exaltação da fé catholica, pela conservação da paz entre os principes christãos, pelas almas dos reis e principes que estão na egreja sepultados e pela conservação dos reinos, todas as vezes que isto fizer concede o Summo Pontifice, *Auctoritate Apostolica,* indulgencia plenaria e remissão de todos os seus peccados, sem que possam para isto servir de obstaculo quaesquer revogações ou limitações de semelhantes ou dissemelhantes indulgencias determinadas por elle, ou pela Sé Apostolica, por quaesquer coisas que forem ainda em favor da fé ou da santa cruzada ou da redempção de captivos, da fabrica da basilica de Roma, do principe dos apostolos ou da hospitalidade dos pobres, supposto que sejam passadas debaixo de quaesquer fórmas ainda de *motu proprio* e de qualquer modo que sejam, porque sempre as exceptua e quer que dure e sempre valha a indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados que o papa

concede e a todos os fieis christãos aproveite e que tenha sempre seu effeito e vigor, como tudo consta da bulla que se guarda no cartorio d'este mosteiro.

79. A infanta D. Izabel, mulher que foi do infante D. Duarte, alcançou do papa S. Pio V uma concessão, que é bem larga e extensa, passada em Roma a 10 de abril do anno de 1568, no terceiro de seu pontificado, de cem dias de perdão todas as vezes que qualquer christão, verdadeiramente contrito e confessado, entrar na egreja d'este mosteiro e a visitar, rezando n'ella, cada vez que entrar, dez Padre Nossos e dez Ave Marias pelas almas de el-rei D. João III, de D. Manuel, do infante D. Duarte e dos mais principes que estão na egreja sepultados, como consta do breve que o santo padre passou, que no cartorio d'este mosteiro se conserva.

CAPITULO XI

Em que se trata da casa da sacristia e coisas que n'ella ha, de que se deve em particular fazer memoria.

8o. É a casa da sacristia d'este mosteiro feita em quadro, com uma columna no meio de pedraria muito bem lavrada, em que vem fechar a sua abobada, que é assim mesmo de pedraria e enlaçados. Consta cada quadro da casa de setenta e tres palmos de comprido com duas janellas grandes rasgadas de bastante largura com suas vidraças de varias cores e figuras que lhe dão toda a claridade necessaria por ficarem as janellas para a parte do nascente. Pelo que toca ao ornato dos caixões e armarios diremos que é coisa pobre e antiga, ainda que no tocante ás peças que n'elles se conservam não deixa de haver alguma de grande estimação e valor, principalmente um ornamento

que se chama do senhor rei D. Manuel, que serve para o altar mór e consta de frontal para elle, de vestimenta, dalmaticas e mais tres capas de asperges, que, sendo tudo de brocado nos claros, são porém os sebastos bordados sobre velludo verde tecido em varios fios que levam de perolas e aljofres, não falando nas mais peças de prata e paramentos de seda, que servem para o culto divino e ministerio de todas as coisas que são a elle dedicadas, por não haver n'ellas alguma singularidade de que se possa fazer particular menção, mas sim se deve muito em especial de fazer da custodia que o dito senhor rei D. Manuel mandou fazer na India,[60] do primeiro oiro de Quiloa, para n'ella se expor n'este templo o Santissimo Sacramento. É obra tão superior, pelo singular feitio d'ella, com tanta variedade de lavor sobre esmaltado, que causa a todos mui grande admiração. Tambem não deixa de o ser, ainda que muito menos, o feitio da fabrica de uma cruz[61] com o Senhor crucificado n'ella, que o mesmo monarcha fundador

[60] A custodia, que existe hoje no thesoiro da corôa, foi feita em Lisboa pelo celebre ourives Gil Vicente com o oiro das primeiras párias recebidas por Vasco da Gama do regulo de Quiloa, na sua segunda viagem á India. Não consta que Gil Vicente emprehendesse tão longa jornada sendo portanto manifesto o erro do reverendo chronista. Vid. *O Occidente* de 1880 os artigos do sr. Brito Rebello a este respeito.

[61] Da sua existencia só nos resta a noticia breve que acima se lê; apesar da sua singelleza é documento de primeira ordem para a nossa historia artistica, por nos indicar a natureza de lavor que... tinha aquella obra, incontestavel feitura do glorioso artista Gil Vicente.

d'este mosteiro deu tambem para esta egreja, que assim mesmo é coisa bem singular e relevante, em que se vê lavrado em prata quasi o portico todo da porta travessa d'este templo.

81. Guarda-se tambem n'esta sacristia uma cruz[62] de prata doirada, que contém uma reliquia do Santo Lenho, que serve para em sexta feira maior se fazerem as adorações que se usam n'esta egreja, a qual deu o infante D. Duarte, filho do senhor rei D. Manuel. Tambem se guarda n'esta sacristia, n'um caixote comprido coberto de velludo preto marchetado com pregaria doirada, um retrato soberano do Santo Sudario de Christo nosso redemptor, que foi copiado pelo que está em Saboia, tocado n'elle, e que veiu de Roma aos padres d'este mosteiro, trazido por dois commissarios geraes da Ordem do Carmo, e foi feito corporal pelo bispo Fassumbruno, chamado Octavio Accorombono,[63] colleitor geral apostolico de sua santidade, com poderes de nuncio n'estes reinos e senhorios de Portugal, e sagrado por elle a 23 de abril, em dia de S. Marcos do anno de 1618, e em outro dia disse missa sobre elle e passou logo ahi no mosteiro, a 27 do mesmo mez e anno, uma excommunhão *ipso facto incorrenda,* reservada a Sua Santidade ou a elle, de que se não possa emprestar o Santo Sudario a pessoa alguma de qual-

[62] Conserva-se para serviço do culto em poder da respectiva Junta de parochia.

[63] Ha memorias d'elle desde 1615 até 1620.

quer qualidade que fôr, nem se mostre fóra da paixão do Senhor, salvo em algum caso de necessidade commum da republica em que haja sermão e se trate com todo o acatamento e respeito que se deve a tão sagrada reliquia, como consta da provisão que passou o dito colleitor apostolico, que se guarda no cartorio d'este mosteiro.

82. A respeito pois de não se emprestar, tirar ou levar qualquer peça e ornamento que serve na egreja ou sacristia d'este mosteiro fóra d'elle, ha uma bulla do papa Innocencio X, passada em Roma a 26 de outubro de 1647, no quarto do seu pontificado, em que prohibe o que acima fica dito, sob pena de excommunhão, de privação de voz activa e passiva e de quaesquer officios *ipso facto incurrenda,* sem mais outra declaração, a qual bulla se guarda no cartorio d'este mosteiro e está n'uma taboa trasladada em a sacristia.

83. Seguem-se as obrigações que esta sacristia tem de missas e de officios.

«Primeiramente a capella de muitos defunctos missa quotidiana, que é pelo infante D. Henrique e por el-rei D. Manuel fundador d'esta casa.

«El-rei D. Manuel missa quotidiana; tem mais doze missas de *requiem* cantadas; tem mais um officio anniversario solemne a 13 de dezembro; tem mais um nocturno na oitava dos santos por elle e por sua mulher a rainha D. Maria.

«A rainha D. Maria missa quotidiana; tem mais um officio solemne a 12 de março.

«El-rei D. João III missa quotidiana; tem mais um officio solemne anniversario a 11 de junho; tem mais doze missas de *requiem* cantadas; tem mais um nocturno na oitava dos santos.

«A rainha D. Catharina duas missas quotidianas, ambas por muitos defunctos; tem mais um officio solemne a 12 de fevereiro.

«El-rei D. Sebastião missa quotidiana; tem mais a 5 de agosto um officio anniversario.

«El-rei D. Henrique missa quotidiana; tem mais emquanto cardeal cento e cincoenta missas; tem mais um officio anniversario a 2 de fevereiro; tem mais um officio semi-duplex em julho.

«O principe D. João uma missa quotidiana; tem mais doze missas de *requiem* cantadas; tem mais no mez de janeiro um officio de nove licções; tem mais um officio semi-duplex; tem mais um nocturno na oitava dos santos.

«O senhor D. Duarte missa quotidiana.

«O cardeal D. Affonso tem cento e cincoenta missas; tem mais a 22 de abril um officio anniversario.

«O infante D. Luiz tem duzentas missas; tem mais a 27 de novembro um officio anniversario; tem mais um nocturno na oitava dos santos; tem nas Paschoas dois cirios accesos, um branco e outro amarello, na sua sepultura.

«O infante D. Duarte tem cento e cincoenta missas; tem mais a 20 de outubro um officio de nove licções.

«A infanta D. Izabel e seu filho tem cento e cincoenta missas; tem mais a 15 de setembro um nocturno, outro aos 28 de novembro por seu filho; tem mais outro nocturno por ambos na oitava dos santos.

«A infanta D. Maria mandou dizer um officio de nove licções semi-duplex cada anno pela alma de el-rei D. Manuel seu pae e um nocturno pelas almas de seus irmãos.

«El-rei D. Pedro II mandou dizer cinco missas quotidianas por seus irmãos, que vem a ser el-rei D. Affonso VI, o principe D. Theodosio e a infanta D. Joanna, que estão debaixo do sacrario d'esta egreja sepultados e juntamente por sua tenção; teem mais os ditos irmãos um officio de nove licções na oitava dos santos com missa e responso tudo cantado.

«Ignacio de Lima tem duzentas missas, tem mais em 11 de dezembro um officio anniversario de nove licções.

«Francisco de Sá e seus defunctos missa quotidiana; tem mais no 1.º de novembro um officio anniversario, que é por muitos defunctos; tem mais outra missa quotidiana tambem por muitos defunctos depois que esta casa entrou na administração do seu morgado.

«Fernão de Andrade e seus defunctos duas missas quotidianas; tem mais quatro missas de requiem cantadas.

«A mãe do padre fr. Pedro de Lisboa tem todas as sextas feiras uma missa rezada.

«Antonio de Seixas tem tres missas rezadas, uma a todos os santos, outra a Sant'Anna e a outra a Santa Catharina.

«Maria Gaya da Maia tem cento e quatro missas rezadas, tem mais uma cantada a 18 de setembro.

«A mãe do padre fr. Gonçalo quatro missas rezadas.

«Anna Francisca uma missa quotidiana.

«João Teixeira tem no oitavario dos santos duas missas offertadas com doze pães e um pote de vinho.»

Dos padrões e escripturas por que esta communidade se obrigou a todas estas pensões se fará memoria quando se der a relação dos papeis que se acham e se guardam nos archivos d'esta casa, que será com toda a brevidade possivel, para o que se requer mais tempo.

CAPITULO XII

Que trata da casa da livraria, da do cartorio e da do capitulo que ficou por acabar e que tudo fica junto na mesma correnteza.

84. Sobre a casa da sacristia, de que se acabou de falar agora, está outra que serve de livraria d'este mosteiro, e é do mesmo tamanho e tambem em quadro de setenta e tres palmos cada face, com outra columna no meio, mas não redonda e lavrada como a debaixo da sacristia, porém quadrada e liza a pedraria como o é a das duas janellas grandes que tem para o nascente, que ficam sobre as da casa debaixo da sacristia e são da mesma sorte; o tecto é como o da casa debaixo, mas de obra de alvenaria e de estuque, de que se colhe ser a dita obra feita depois da morte do fundador. Entre as janellas d'esta casa fica um altar com um quadro de pintura de nosso padre S. Je-

ronymo,[64] que está sobre os livros escrevendo bem proprio para a dita casa. Não se manda ainda o numero dos corpos dos livros que n'ella ha porque como se acham muitos d'elles dobrados é necessario fazer index particular, para se poder enviar á sobredita Academia,[65] em que se anda trabalhando; mas faremos menção dos livros manuscriptos.[66]

85. Primeiramente cinco volumes in-folio das vidas e acções dos reis de Portugal desde o conde D. Henrique até el-rei D. João I, de que é auctor Duarte Galvão, os quaes foram do padre fr. Gonçalo de Castello Branco, primogenito dos condes de Villa Nova e monge d'este mosteiro, a quem veiu, depois de ser n'elle já professo, á dita casa por muitas vezes como successor d'ella mais chegado.

Mais um volume in-folio e de pequena altura que se intitula Suma da linhagem dos reis de Portugal até el-rei D. Sebastião. Não tem auctor.

86. Mais outro livro in-quarto que se intitula Compendio das chronicas de todos os reis de Por-

---

[64] Não sabemos a razão da mudança para a sala da Provedoria; esperamos comtudo que volte a occupar o seu antigo logar.

[65] Não se encontrando até agora no mss. referencia a qualquer Academia é de presumir que esta memoria fosse redigida para ser presente á *Real Academia de Historia;* porém das memorias da mesma Academia nada consta a este respeito.

[66] Com a suppressão do convento foi dispersa, indo uma parte para a Bibliotheca Nacional de Lisboa e da Casa Pia, outra para as bibliothecas de particulares, e ainda outra para os estabelecimentos locaes, onde serviriam de involucro a qualquer mercadoria!!!

tugal até el-rei D. Sebastião; do uso do padre fr. Paulo da Cruz.

87. Mais dois volumes in-folio que tratam de miscellaneas; sem auctor.

88. Mais alguns livros pequenos que constam de varias materias espirituaes, compostos pelo padre fr. Miguel de Valença, monge professo d'esta Ordem, confessor e prégador que foi de el-rei D. João III e da rainha D. Catharina, sua mulher, confessor e mestre dos principes e infantes até el-rei D. Sebastião e particularmente das infantas D. Maria e D. Izabel.

89. Mais um volume in-folio e em latim, composto pelo padre Diogo de Jesus, monge professo d'este mosteiro, o qual livro se intitula Ferculo, dividido em quatro tratados; no primeiro trata das Cerimonias, no segundo de Mysterios, no terceiro de Religione S. Hieronimi e no quarto de Monasteriis Portugaliæ ejusdem ordinis.

90. Mais seis volumes de folio de sermões varios per annum compostos pelo padre fr. Damião Botelho, monge professo d'este mosteiro, e já com licenças para se dar ao prelo.

Mais um livro de folio que trata de Trigonometria rectilinea, espherica, geometrica, logarithmica, composto pelo padre Ignacio Stafort da Companhia de Jesus.

91. Ha n'esta livraria uma bulla trasladada em uma taboa e pendurada na columna que está no meio da casa, a qual é do papa Innocencio X, pas-

sada em Roma a 7 de fevereiro do anno de 1652 no oitavo de seu pontificado, em que prohibe sob pena de excommunhão, reservada ao Summo Pontifice, e privação de voz activa e passiva, que se não possa levar livro d'esta livraria, ou seja impresso ou manuscripto, nem outro qualquer papel que passe de cinco folhas, nem ornato algum que sirva na casa, como consta do breve d'onde se tirou o traslado que se guarda no cartorio d'este mosteiro.

92. N'esta casa da livraria fica uma porta para a parte do sul, que dá entrada para a casa do cartorio d'este mosteiro, de cujos papeis, que n'elle ha, se darão as noticias que se pedem[67] para a Academia, em acabando de se tirar, porque n'isso se lida.

93. Fica tambem na livraria mais outra porta que está para a parte do norte, por onde se entra para uma varanda que olha para a casa do capitulo, que ficou por acabar;[68] que ministerio tinha ahi não se sabe; o que se vê é que a abobada da casa do capitulo vinha fechar tambem d'essa parte com seus enlaçados de pedraria lavrada sobre ella, e como não se continuou a obra depois que falleceu o rei fundador, só se divisam os vestigios do que

---

[67] D'aqui se deprehende que foi em virtude de resolução da *Academia de Historia?* que se redigiu esta memoria.

[68] Actualmente acabada para servir de monumento á memoria do grande historiador Alexandre Herculano e guardar os seus restos mortaes.

havia de ser, e por não ter esta communidade casa feita para capitulo se aproveita da casa do antecôro para esse ministerio. Tem esta casa de que vamos falando, que para o capitulo d'esta communidade se fabricava, de comprido noventa e quatro palmos e de largo setenta e tres; na cabeceira da casa se formam, em meia laranja, tres arqueados bem lavrados de pedraria, em que ficam tres altares para n'elles se dizer missa; tem mais para a parte do nascente duas janellas grandes de bastante largura, que haviam de levar vidraças para darem claridade com mais reparo á casa, e defronte das janellas ficam dois grandes portaes para a parte do claustro[69] principal d'este mosteiro, arqueados do mesmo lavor e predraria por uma e outra parte, e com seus nichos em que da parte do claustro já lhe ficaram duas imagens de pedra muito bem lavradas, que são de nosso padre S. Jeronymo e S. Bernardo, os quaes portaes se fizeram para se dar entrada do claustro para esta casa do capitulo e d'esta para este claustro. É tradição bem constante n'esta casa que a infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel do terceiro matrimonio, e mui devota d'este mosteiro, quiz acabar esta casa do capitulo e fazer tambem n'ella o seu jazigo, e que pedindo a el-rei D. Sebastião faculdade para esta obra elle a divertiu d'esse in-

---

[69] No fecho dos arcos em frente dos *portaes* vê-se gravada a seguinte palavra ELREY.

tento, dizendo-lhe que n'essa mesma resolução estava, e com esta resposta se resolvera a infanta então a mandar erigir o convento e hospital de Nossa Senhora da Luz, para religiosos da Ordem e Milicia de Nosso Senhor Jesus Christo, onde jaz sepultada. E como el-rei D. Sebastião, depois da batalha de Africa, totalmente desappareceu e não foi visto mais de seus vassallos até o tempo presente, nem elle nem ella conseguiram o que desejavam, de acabar tanto uma como outro esta casa do capitulo, e da fórma como d'antes era assim ficou.

CAPITULO XIII

Em que se trata do claustro principal d'este mosteiro e refeitorio, e das mais obras que se iam continuando para habitação dos monges d'este mosteiro e para todas as demais coisas.

94. O claustro principal d'este mosteiro, não estando ainda de todo acabado, pois lhe falta no andar de cima[70] os remates e pyramides que havia de levar como a obra o está pedindo, do que se fez e se acabou, é fabrica de tão grande attenção e estimação, pela muita variedade de lavor que n'elle ha, que por coisa mais singular leva toda a factura de claustros mais relevantes a primazia e vantagem; consta cada lanço d'elle de duzentos e trinta

[70] Na ala norte e no fecho dos tres arcos ha as seguintes inscripções: primeira e segunda em circulo respectivamente assim— 1590 3, MEMORIA DE 1590 3—e a terceira dentro de escudo assim— ERA DE 1594.

e cinco palmos de comprido e de largo vinte e sete palmos e meio; e sendo nos lanços quadrado é para a parte do lago, que fica no meio d'elle, oitavado, pois se fórma para essa parte em cada canto dos lanços um recanto triangular com tres arcos, á maneira de um alpendre coberto por cima de abobada de pedraria bem lavrada, que vem a ficar d'esta maneira: o claustro para os lanços d'elle em quadra e para a parte do lago em oitavado; traça de architectura mais singular. No meio da parede de cada lanço, tirando a dos confessionarios, que vae toda guarnecida de portaes para elles bem lavrados de pedraria, está um altar com bastante concavidade e bem lavrados de pedraria os arcos em que fica dentro seu quadro de pintura excellentissima sobre o dito altar.

95. No primeiro, que fica para a parte do nascente, está o altar de Nossa Senhora da Encarnação pintado n'um quadro.[71] Tem ao pé do altar um jazigo que diz d'esta sorte o lettreiro:

Sepultura propria e perpetua de Ignacio de Lima para sy só fabricada:
Faleceo a 21 de Dezembro de 1607.[72]

96. No segundo altar, que fica para a parte do norte, está tambem em pintura um quadro de nosso padre S. Jeronymo em figura de penitente, e ao pé do altar com seu jazigo tambem a sepultura que é

[71] Desappareceu.
[72] Não se encontrou.

de Francisco de Sá[73] e seus herdeiros, por falta dos quaes, que haviam de ser legitimos e via recta, veiu o seu morgado,[74] que havia instituido, a esta communidade, para o prelado d'ella ser o seu administrador. Guarda-se n'este mosteiro o testamento do dito instituidor, no qual manda repartir os rendimentos das fazendas de cada um anno em obras pias.

97. No terceiro altar, que fica para a parte do poente, está outro quadro tambem da mesma pintura que os outros, de Nossa Senhora da Assumpção, e não ha ao pé d'este altar como nos outros algum jazigo.

98. Estão tambem nos cantos de cada lanço d'este claustro, dentro das mesmas paredes, seus quadros de pintura singular e guarnecidos á roda de bem lavrada pedraria, tres que são da paixão de Christo e um da sua gloriosa Resurreição; ao pé de um dos ditos quatro quadros, que é do Senhor da Canna verde na mão, está uma campa de sepultura com seu lettreiro que diz assim:

AQUI JAZ O P.e FR. JORGE DE LENCASTRE
RELIGIOSO PROFESSO DESTA RELIGIÃO,
F.o DO SENHOR DOM JORGE DE LENCASTRE
M.e DE SANTIAGO,
E NETO DE EL REI DOM JOAM II DESTE REYNO.[75]

[73] Fallecido no primeiro de outubro de 1604.

[74] Denominava-se de *Porto Brandão* e constava de uma quinta defronte d'este mosteiro.

[75] Vid. nota 72.

99. E ao pé de outro quadro que está junto á porta do refeitorio, que é do Senhor Crucificado, fica outra campa com seu lettreiro que diz assim:

SEPULTURA PERPETUA
DE FERNÃO DE ANDRADE ZUZARTE[76]
CAUALEIRO FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGD.ᵉ
E CAPITÃO DA FORTALEZA DE MANHORA
NAS PARTES DA INDIA ONDE SERUIO 30 ANNOS
A QUAL SEPULTURA MANDOU FAZER PARA SY
E SEOS HERDEIROS.[77]

100. Fica no meio d'este claustro um lago bem aprazivel e que serve para a vista de grande recreação e de muito divertimento, porque além de ser obra bem vistosa traz grande quantidade de peixes que o faz ainda mais agradavel. Dentro d'elle fica um ilhote com uma fonte[78] no meio formada a modo de um chapeo, de que sae correndo a agua, como de uma fonte de lagrimas, para um tanque redondo, feito tudo de mui fina pedraria. Para este ilhote, que consta de muitos assentos e alegretes, se vae por quatro pontes que ficam sobre o lago lançadas. Entre o lago e os diques, que vão junto aos arcos do claustro, estão quatro lanços de passeios tão largos como cada lanço do

[76] Fallecido a 9 de outubro de 1644.

[77] De impossivel leitura por estar bastante gasto.

[78] Foi achada ha pouco tempo n'umas excavações feitas á entrada da galilea; é de jaspe primorosamente trabalhado e está hoje encaixotada em poder da administração da Casa Pia.

claustro, ornado tudo á roda de cada uma d'estas quatro partes, de canteiros e alegretes azulejados,[79] que servem para muitas e diversas plantas de varias flores e boninas, e outras tambem de verdura que disposto tudo com boa proporção faz vistosa toda esta obra, que foi mandada fazer pelo cardeal rei d'estes reinos.[80]

101. Para a parte d'este lago por cima do claustro que fica sobre o debaixo correm umas varandas em oitavado, com seus parapeitos de pedraria tão bem lavrada que parece de filigrana o seu lavor, em que se vão entre-sachando muitos nichos da mesma pedraria, lavrados com muitas imagens de santos e santas, aberto tudo na mesma pedraria, a que servem de cobertura e remates umas pyramides muito bem lavradas, sendo do mesmo lavor os arcos todos, tanto d'este claustro de cima como do debaixo. Sobre esta parte do lago se formam as abobadas dos claustros, sobre os quaes ficam dois lanços, porém os do de cima não se fecharam senão depois da morte do fundador d'esta magnifica obra, e lhes mandou fazer as abobadas el-rei D. João III, seu filho, e bem se conhece o quanto differe uma obra da outra.

---

[79] Conserva-se uma pequena porção d'este azulejo, que é mosarabe, guarnecendo os bancos de alvenaria construidos á entrada da capella da cerca chamada do Santo Christo; outra parte (o resto) foi ha annos vendida por poucos tostões!

[80] Nada existe actualmente por ter sido demolido, não havendo portanto vestigios sequer d'esta obra do Cardeal rei.

102. D'este claustro de cima descem duas bem lançadas escadas, que teem de largo oito para nove palmos, mettida cada uma d'ellas dentro de sua parede, obra de grande architectura; são ambas de pedraria, e veem do claustro de cima para as casas da sacristia e do capitulo que está por acabar, mas não se servem d'esta escada. A outra, porém, tem um uso e serventia continuada, pois no topo de cima tem quatro portas, duas para a tribuna de que se vae d'esta parte para o côro, outra para o claustro de cima e outra para o andar que fica ainda sobre este e tambem para uma das torres dos sinos que está por acabar. Consta esta escada de sete taboleiros *(aliás lanços)* com seis degraus cada um, e outros de cinco, e no que está de todo em baixo ficam duas portas, uma que dá entrada para a egreja e outra para o claustro debaixo e principal.

103. No lanço do claustro de cima, que fica da parte do norte, está em cada um dos lados sua porta, que davam ambas serventia dos dormitorios d'este mosteiro para este claustro, pois que para essa mesma parte havia de ficar toda a morada e habitação para os monges e officiaes do mosteiro, e não para onde agora estão, como o mostram as paredes e mais vestigios que se iam edificando e levantando para essa mesma parte, que ahi se está vendo, sobre o que se não pode duvidar, por ser coisa tão clara e manifesta. D'esse claustro que ahi se vê já começado se iam

seguindo os demais com dormitorios que haviam de levar, e tambem para o ministerio das officinas necessarias, para uma communidade de tão maxima grandeza, se haviam por ahi de repartir e accommodar e fazer, e por não se continuar todo este edificio, que estava já delineado como se vê, se aproveitaram algumas d'essas paredes para as officinas que ahi se accommodaram, por falta de não haver outro algum commodo.

104. Tambem n'outro lanço d'este claustro de cima, que corre para a parte do sul, fica uma porta que entra para um dormitorio que consta de seis cellas, com uma casa grande no fim, tudo forrado de bordo, que serve hoje de hospedaria e era principio já da maneira que haviam de ser todos os mais dormitorios que se iam continuando para esta communidade; n'este dito dormitorio se tem já accommodado muitas pessoas reaes e outras de grandes titulos e de muita qualidade. Fica debaixo d'elle a casa do refeitorio, para a qual se entra pelo claustro debaixo e principal, para onde tem uma porta que é muito alta de pedraria excellentemente lavrada, como o são todos os mais portaes que no claustro estão, e para as mais principaes officinas d'este mosteiro teem serventia; consta o comprimento d'esta casa do refeitorio de cento e sessenta e nove palmos e de largo quarenta palmos e meio; é toda de pedraria com formados cordões á roda, tambem da mesma os enlaçados de sua abobada, e com cinco janellas grandes de vidraças, com o

que a dita casa tem por toda ella a luz e claridade que lhe basta. Toda a guarnição á roda das janellas, como a do quadro que fica sobre a meza travessa, é de excellente lavor como a demais obra lavrada de todo este edificio; a pintura que está no dito quadro é singular, e se representa n'elle o soberano mysterio do nascimento de Christo, que é bem proprio para casa que tem o nome de Belem.

CAPITULO XIV

Em que se fala das casas da portaria principal, da escada maior, do ante-côro, que, depois da morte do dito rei fundador d'este edificio, se fizeram, do dormitorio grande d'este mosteiro que ao depois da dita morte se accommodou tambem para esse tal ministerio e dos paços reaes que no fim d'elle se haviam de fundar.

105. Na mesma correnteza da casa do refeitorio e hospedarias que estão por cima d'elle, e que olha para o poente, se formaram a casa das portarias, que serve hoje de principal d'este mosteiro por não se acabar a outra que havia de servir para este mesmo ministerio, e outra casa que está a esta conjuncta, em que se lançou a escada que é a mais principal d'este mosteiro, da qual se formaram em tres lanços os seus degraus; sobre o taboleiro em que dois lanços dos degraus d'ella

se repartem fica um quadro[81] de excellente pintura, de Christo nosso redemptor, com a sua cruz ás costas, e nos está n'essa representação avisando que todo aquelle que vem buscar o estado religioso ha de tomar tambem sua cruz com que verdadeiramente o siga. Tem o vão d'esta casa cincoenta e dois palmos e meio de comprido e trinta e nove palmos de largo e é de uma grande altura; ha tradição n'esta casa que para se fazer assim esta da escada como a da portaria e o que lhe fica por cima que entra para o ante-côro e tambem para o claustro de cima dera el-rei Filippe II algum dinheiro, supposto não foi bastante para se concluir de todo a obra na fórma em que hoje se

[81] Era um dos melhores quadros, senão o melhor, que havia no mosteiro, porém com um *restauro* que soffreu—segundo o lettreiro abaixo transcripto que se lê no angulo inferior do lado direito do mesmo quadro, ficou perdido em consequencia da enorme quantidade de verniz que lhe applicaram. Eis o lettreiro:

GASPAR DIAS LUZITANO,
INVENTOU E PINTOU, NO SECULO XV
ESTE SINGULAR CHEFE D'OBRA, QUE,
MEIO DESTRUIDO PELO TEMPO, AIM=
PERICIA DOS MAOS ARTISTAS
ACABOU DE PERDER.
PELA SOLICITUDE DO R.mo P.e M.e F.r BER=
NARDO DO CARMO E S.a D.or OPPOZITOR
EM THEOLOGIA, D. ABBADE PRELADO DES=
TE MOSTEIRO DE BELEM, E INSTAN=
CIAS DOS MAIS MONGES, AMADORES DAS
BELLAS ARTES
COM INCANSAVEL DESVELO RESTAU=
ROU NO ANNO DE 1819
IGNACIO DA S.a C. VALENTE.

vê, pois em ordem a esse fim esta communidade, juntamente com o dispendio consideravel em outras coisas mais que n'este mosteiro se acham feitas, de que consta se obraram com despeza d'ella, tem supprido em muito mais ainda do que pode.

106. O ante-côro, que é a casa que se segue, já se disse acima no principio d'esta relação, se formara aqui por remedio depois da morte do dito rei fundador, para o ministerio que lhe deram e que não havia de ter, se a obra d'este edificio se fôra continuando, e não se parara com ella, na fórma da direcção que levava, e por não ficar tambem acabada a casa que havia de servir de capitulo, se tem aproveitado d'esta para esse mesmo intento, além dos mais a que serve. Mandou-a fazer, para a serventia que tem, el-rei D. João III; é o forro do tecto de madeira de bordo de excellente lavor, e estão n'ella á roda, em quadros de muito boa pintura, todos os reis d'este reino retratados bem naturalmente seus corpos inteiros, porque antes d'elles estão aqui retratados de meios corpos n'outros quadros.

107. D'esta casa do ante-côro se entra no dormitorio grande, que não havia de servir para esse ministerio, mas sómente de corredor por onde as pessoas reaes haviam de vir para a egreja e mais partes da clausura d'este mosteiro por dentro d'ella, porque tudo se communicava, mas como com a morte do fundador ficassem as obras todas da fabrica d'este edificio, conforme a direcção que le-

vavam, umas ainda imperfeitas, outras sem se acabarem e o mais sem se começar, e depois da morte do rei se parasse totalmente com toda a obra, na qual faltavam ainda por fazer os dormitorios, que haviam de ficar em claustros, para morada dos monges, se aproveitaram d'este corredor, que já estava dirigido, para o ministerio de o fazer dormitorio, e bem se vê que foi feito por remedio, pois esta obra das cellas, que são feitas de frontaes de tijolo e de taipa, que é bem estreito tudo, não condiz com a magnificencia do edificio, que está pedindo outra obra differente, além de que como na bulla que o rei fundador mandou pedir ao papa, de que já no principio d'esta relação se fez memoria, para erigir este mosteiro, se ordena se faça á maneira dos mais mosteiros da mesma Ordem, tendo todos elles os dormitorios no interior da clausura, não se podia fundar este com a frontaria para fóra se não fosse por não haver outro remedio e a necessidade o pedir.

108. Contém este dormitorio oitocentos setenta e sete palmos e meio de comprido e de largo quarenta e quatro palmos, entrando o vão das cellas e o corredor que vem a ser de uma á outra parede mestra, e d'esta maneira tanta é a largura do corredor como de cada uma das cellas, os comprimentos das quaes são differentes. São em numero de setenta, não falando em oito mais que estão no fim d'este dormitorio, onde se chama o Galeão, que ficam sobre as debaixo, e como d'este numero

de setenta se teem tirado nove para ministerios varios da communidade, vem a ficar sómente para morada dos monges sessenta e uma que são as que de presente servem. No meio d'este dormitorio, para a parte do norte, fica uma capellinha mui bem ornada e guarnecida, em que se conservam muitas reliquias e tambem muitas peças e pinturas de valor excellente, e se tem n'ella tambem em seu sacrario o Santissimo Sacramento; defronte de sua porta, que fica n'um transito de uma janella[82] grande d'este dormitorio, está a sacristia, em que tambem se diz missa por ser como a outra capellinha, ainda que não tão ornada como ella, porém não deixa de ter muitas peças boas e singulares pinturas, e para não se tirar coisa alguma d'esta capella e sacristia ha ahi excommunhão maior *ipso facto incurrenda* com mais outras penas *incurrendas,* como se pode ver no traslado authentico da prohibição, que está n'uma taboa na sacristia e o breve d'ella no cartorio.

109. É o que fica por baixo de todo este dormitorio de cantaria e abobada, de enlaçados e de pedraria toda bem lavrada, como tambem os arcos abertos que ficam entre botareo e botareo na parede que está para a parte do sul, e se fez d'esta maneira todo este vão por dentro, que consta como

---

[82] É provavelmente este o sitio a que pertence a pedraria de janella existente no Museu do Carmo, que tem dado origem a varias investigações e duvidas.

o dormitorio de cima de oitocentos setenta e sete palmos de comprido, e de largo quarenta e quatro, sem ter parede alguma de permeio, antes aberto tudo e desempedido, e com esses arcos abertos para a passagem da estrada, a respeito de poder entrar e de sahir por ahi com toda a felicidade e desembaraço qualquer carruagem, e tudo mais que debaixo d'este dilatado vão d'essas abobadas se quizesse accommodar, recolher e poder ahi estar com toda a commodidade. Depois, como de todo se não chegou a acabar da maneira que ia traçado todo este memoravel edificio, e se parou com as obras d'elle quando morreu o seu fundador, se accommodou muito do que estava já feito para differentes intentos dos a que havia de servir, e por esta causa assim se taparam os arcos que estavam para a estrada abertos e se fizeram por dentro do vão d'esse dilatado corredor muitas paredes, para se formarem muitas casas que servissem de officinas, umas para o mosteiro e outras para varios ministerios que lhe deram e de que servem.

110. Já dissemos que o corredor, que serve hoje de dormitorio, se fizera e se obrara ao principio quando se fez, não para este ministerio, mas para transito das pessoas reaes e de toda sua familia, que podessem por dentro d'elle vir á egreja e clausura do mosteiro desde o seu palacio real, que ficava no fim d'este corredor para essa parte do poente, onde se havia de erigir, como assim o affirma a constante tradição que n'esta casa de

uns e de outros se conserva, e que traz sua origem d'aquelles primeiros monges que logo quando se começaram as obras d'este edificio, introduziu, como já de posse, n'elle, o senhor rei D. Manuel e é certo e sem duvida que haviam de saber, com toda a individuação, a direcção que levava esta obra; d'essa tradição é que nos consta tudo que vamos dizendo, além das mais provas e documentos que se offerecerem e nos confirmam o mesmo que se vae n'esta relação declarando, mas porque se não continuou com as obras conforme a direcção que levavam, e se divertiu o que já d'ellas está feito para differentes intentos fóra de sua planta, se levantou no fim d'este dormitorio para remate uma varanda de abobada e columnas de pedraria, mui bem obrada, ainda que é demasiadamente estreita, e n'ella, depois de passados muitos annos, se fabricou no meio uma fonte com um tanque que tem por baixo, tudo de pedra fina bem feito e acabado.

CAPITULO XV

Que trata do terreno que é murado á roda e se chama cerca do mosteiro e do que n'elle se contém de que se deve fazer memoria.

111. Tem a cerca d'este mosteiro, no ambito do que está á roda murado,[83] duas mil seiscentas noventa e seis varas, que importam treze mil quatrocentos oitenta palmos, que consta de muitos pomares, assim de arvores de espinho, que é o mais, como da mais variedade de fructa, que tambem é muita, não faltando aos pomares, que necessitam que se reguem suas arvores, o beneficio das aguas de muitas fontes[84] e tanques que dentro da cerca

---

[83] Foi murada em 1510, como consta de um auto mandado lavrar em 1536 por el-rei D. João III.

[84] Ainda existe em uma das fontes o seguinte lettreiro:

JAM LEO SAMSOM MEL QUIDAM MIST ABORE
HIC PARITER NECTAR MITIT ABORE LEO.

cuja traducção é:

Assim como Samsão extrahiu o mel da bocca do leão
tambem aqui o leão lança o nectar da sua bocca.

estão, e que se repartem por elles, de que participam tambem as hortas, e não menos as officinas todas para o que lhes é necessario; e por ser muita n'este sitio a abundancia de aguas, para muito se extende o seu prestimo e chega a muitas partes. Não se fala por ora nos muitos arvoredos que fóra dos pomares estão cerrados, principalmente na grande quantidade de olivedo que ahi se vê, mas porém não se deve deixar de mencionar nem calar-se um bosque bem deleitavel, que se chama o Cunchoso, que ahi está dentro de um valle comprido, que fica de uma e outra parte das ilhargas cercado de levantadas pedreiras,[85] que ahi formou a natureza, e que é bem coberto todo de varias arvores silvestres, que por ser tudo de tanto agrado da acceitação de um tão grande monarcha como o senhor rei D. João IV, merece toda a boa estimação. Uma vez cada semana se aproveitava o dito rei, depois do divertimento da caça que por esta cerca fazia, em se recolher a este sitio para n'elle descançar e tomar para refeição do corpo algum mantimento, a respeito do que se lhe mandou erigir ahi uma casa[86] o melhor que poude ser,

[85] Construiram-se ahi depois alguns fornos de cal, para as obras do mosteiro, que ainda existem, encontrando-se na parede de um d'elles esta interessante inscripção relativa ao nosso chronista:

FEITO SENDO GE
RAL O MUI
R. P. F. JACINTO DE S.
MIGUEL EM 1737.

[86] De que actualmente se vê apenas parte de uma parede.

com uma fonte,[87] de uma parte lançada sobre o tosco de um penhasco, cujas aguas crystallinas se estavam vendo, que como em lagrimas por entre elle as despedia; objecto de tanto agrado para este tão grande monarcha que lhe serviu de motivo a compor, com singular elegancia e melodia, um terno de ricas vozes na lettra de um bem feito villancico.[88] A mesma fonte, que entre esses verdes arvoredos já se estava em lagrimas desfazendo, muitos annos ainda depois que o dito rei falleceu se conservou da mesma sorte sua casa no dito sitio, com o mais que n'ella havia, e juntamente a mesma lettra e solfa do villancico, que nos pilares sobre que se formava o tecto da casa se tinha ahi mandado esculpir.

112. Com respeito á lavoira, que não é n'este mosteiro pequena, pois se lançam ás terras que aqui tem o mosteiro n'este sitio dez para doze moios de trigo cada anno, conforme a folha d'elle o pede, além de dois para tres de semente de segunda e legumes, tem tambem na dita cerca a casaria necessaria para abegoaria e fabrica de toda essa lavoira, a que assiste um religioso intelligente que saiba governar essa fazenda, que é sem duvida a de que depende toda esta communidade para sua sustentação.

113. Consta tambem esta dita cerca de tres er-

---

[87] Ainda existe.

[88] Perdido?!

midas que n'ella ha e que dentro d'ella se erigiram para retiro dos monges, como é estylo na nossa Ordem de as haver em cada mosteiro. A primeira d'estas tres ermidas fica dentro dos pomares e é de Santa Maria Magdalena; estava muito bem feita e acabada, mas tem dado de si o edificio ha alguns annos a esta parte de tal maneira que é necessario erigir outra de novo.[89] A segunda ermida fica no meio d'esta cerca e supposto que pequena está feita com toda a perfeição, e se chama a ermida do Santo Christo; adeante da porta d'ella fica um passeio com seus assentos e alegretes, de uma parte um tanque de bom tamanho e no fim do tal passeio está debaixo do chão uma casa de abobada onde el-rei D. Sebastião se recolhia a tomar seu refrigerio, depois do divertimento que tinha por esta cerca em seus agradaveis exercicios.[90] A terceira e ultima d'estas tres ermidas é a que está mais no alto d'esta cerca, que é a do nosso padre S. Jeronymo,[91] com tres altares n'ella, e por dentro de obra de cantaria, toda lavrada e com tanta galanteria o seu lavor que bem se vê ser grande primor de arte de sua architectura, sendo de tanta

---

[89] Já não ha vestigios e apenas se conserva a tradição do logar onde foi construida.

[90] Tudo existe e na fórma descripta pelo reverendo chronista.

[91] Esta capella ainda existe como a descreve o reverendo chronista. Segundo o que se lê no principio d'este paragrapho collige-se que essa capella e as outras a que se refere são contemporaneas da construcção do mosteiro, para o uso que o chronista indica, e não pode de nenhuma maneira ser a ermida do Rastello, como pre-

capacidade o corpo de toda ella que bem podia servir de templo e egreja a uma communidade pequena. Tem o sitio d'ella uma vista tão dilatada e aprazivel que d'ahi se está vendo esse mar oceano onde o Tejo celebrado fenece com suas correntes, e se devisa a barra por entre a qual entra e sai qualquer das embarcações que partem d'este porto ou a elle veem. Descobre-se da ermida tambem a memoravel serra de Cintra, tão nomeada dos escriptores e de todas as nações applaudida e estimada, e juntamente se vêem d'ahi todas essas terras e paizes que d'esta parte d'este porto, e da outra banda d'alem, apparecem, e que serão de grande recreação aos sentidos, pela graciosa vista que tem.

114. A infanta D. Izabel, mulher que foi do infante D. Duarte, filho do senhor rei D. Manuel, como tão devota que foi sempre da nossa Ordem, que se quiz fazer irmã professa d'ella e professou nas mãos do padre fr. Braz de Oliveira, sendo prior d'este mosteiro e provincial d'esta religião, como consta de uma memoria que do acto n'esta casa se acha, alcançou do nuncio que então era

---

tendeu inculcar o illustre escriptor o sr. conselheiro Luciano Cordeiro na nota lançada a pag. 122 da sua obra impressa em 1894 *Portuguezes fóra de Portugal — Uma Sobrinha do Infante, Imperatriz da Allemanha e Rainha da Hungria;* porque não só pelo que diz o chronista, mas tambem por se saber que a ermida não ficava no alto, antes junto á praia, e pouco mais ou menos — como de outras memorias se deprehende — no quarteirão de casas entre o largo dos Jeronymos e a calçada do Galvão, se vê não ser esta.

d'estes reinos, e se chamava Pompeic Zambicario, uma bulla que concedeu *Auctoritate Apostolica* tres *nonas aprilis* do anno de *1551* no segundo do pontificado do papa Julio III, para quem visitar as tres ermidas d'esta cerca de Belem, poder ganhar as mesmas indulgencias e remissões de peccados que ganham os que visitam as egrejas de Roma, que n'ella ha e fóra d'ella, nos dias de suas estações, rezando tres vezes o Padre Nosso e Ave Maria pelo prospero estado do serenissimo Rey D. João, da rainha D. Catharina, do principe e de toda a geração real, pelo feliz augmento da religião christã e tambem pelas almas de el-rei D. Manuel, da rainha D. Maria, do infante D. Duarte e de outros infantes que ahi estão sepultados; mas para se ganharem estas graças se deve estar verdadeiramente confessado e arrependido de suas culpas ou de ter feito proposito de se confessar em seus tempos por direito determinado, como consta da bulla que no cartorio d'este mosteiro se guarda.

NOTAS E DOCUMENTOS

NOTAS E DOCUMENTOS

I

A capella-mór e o seu architecto

(Pag. 51)

A capella-mór do convento dos Jeronymos foi mandada construir pela rainha D. Catharina, viuva de D. João III. Desde o Seculo XVI se conhecia este facto, referido já pelo padre Siguença na sua Chronica da Ordem e repetido por outros escriptores até Varnhagen, parecendo extranho que o organizador do Catalogo dos mss. da livraria da ex.ma sr.a Condessa de Tarouca o ignorasse, dando d'elle noticia como cousa nova. Qual fosse o motivo por que se construiu a nova capella, de estylo completamente diverso do resto da egreja, não está bem averiguado, nem o será porventura nunca.

Não é crivel que se começasse a levantar a egreja, sem com ella simultaneamente se erguer a capella-mór; o plano, a ligação do systema assim o exigia. Tambem não é provavel que, a despeito de certa irregularidade do plano, o architecto, quem quer que fosse, traçasse uma capella-mór,—que é para assim dizer a coroa do edificio,—de exiguas proproções—facto que tambem se conta do convento de Jesus de Setubal, o que o torna duvidoso,—occasionando a necessidade da sua substituição por outra mais ampla. Resta outra hypothese. Conta-se que cahira a abobada do cruzeiro—caso tambem atribuido á da Casa do Capitulo da Batalha,—não será confusão com algum desmonoramento de parte da capella que determinasse a sua completa reconstrucção?

Fosse como fosse, o que ainda se não disse foi qual o architecto, incumbido de a deliniar e construir.

Dos primeiros architectos ou mestres do edificio Boytac era fallecido havia muitos annos, João de Castilho desde 1552, Diogo de Torralva tambem já não existia, pois indo substituir o segundo desde 1554, em Thomar, desapparece entre 1558 e 1564 em que lhe foi nomeado successor, e é por essa circumstancia, que outro mestre francez, todo discipulo da renascença, nos apparece continuando no seculo XVI, a obra d'aquelles celebrados artistas, pelo mesmo modo que no seculo XVIII o architecto allemão Ludovice reconstruirá a capella-mór da cathedral de Evora.

Esse artista é Jeronymo de Ruão. Provavelmente natural da cidade do seu apellido, que muitas relações tinha com Portugal n'aquella epocha, e talvez parente do famoso escultor de Santa Cruz de Coimbra. Como, quando e porque motivo veiu para Portugal não procurámos saber, nem daremos conta das mais obras que executou. Aqui baste-nos consignar que foi elle o auctor d'aquelle attentado architectonico, que, tanto n'elle como em outros, só lhe pode ser relevado, pela falta de intuição e consciencia esthetica, propria do tempo, e em que cincaram algumas vezes, até os proprios grandes mestres.

Jeronymo de Ruão, traçou o seu projecto e ajustou a construcção da capella-mór, com a rainha D. Catharina pela quantia de oito mil cruzados, cremos que só a obra de pedraria.

O que nos parece extraordinario é a rapidez com que aquella,—aliás bella obra—foi começada e acabada, pois mandando aquella rainha pagar em 7 de março de 1571, cincoenta e quatro mil reaes a *Jeronimo de Ruão, mestre das Obras da Capella mor* do mosteiro de Belem *que ora mando fazer á custa da minha fazenda, para pagamento e despesa das obras da dita Capella que se fizeram nas duas somanas passadas,* o que parece indicar o começo, não muito antigo dos trabalhos, já a 31 de março de 1572 *fazia mercê* (gratificação) de duzentos cruzados a *Jeronimo de Ruão, havendo respeito ás obras que fez na Capella mor do dito mosteiro e á diligencia que poz em as fazer conforme ao contrato*

que em minha fazenda com elle se fez; e em 24 de dezembro fazia tambem mercê de vinte cruzados a Jeronymo Gonçalves que serviu de apontador das obras.

De outros documentos consta que Antonio Correa, moço de estribeira da rainha, foi, por sua ordem, encarregado de ir a Villa-Viçosa e Estremoz buscar a pedraria de que se fabricou a capella, e em que elle gastou noventa dias pelo que se lhe pagaram nove mil reaes, empregando cento e dezoito juntas de bois em duas viagens, serviço este que se pagou por cento e cincoenta e tres mil e quatrocentos reaes. Notemos mais estas verbas: a um homem que ia desobstruindo os caminhos e chamando a deanteira das carretas se deram mil cento e cincoenta reaes; comprou-se um penedo de que se tiraram algumas pedras por dois mil reaes; comprou-se pedra para uma cimalha para deante das sepulturas por mil e oitocentos reaes; a Balthasar Rodrigues por desgasto de quatro lages, uma simalha e outras pedras, se deram tres mil quatrocentos e vinte reaes; Domingos Fernandez que tomou de empreitada certos balaustres, e pelos quarenta que houvera de fazer Balthasar Rodrigues recebeu quinze mil e seiscentos reaes; a Manoel Carvalho á conta das pedras que traz (não se pode perceber bem, pela redacção, se é pedreiro, o que parece) e por hir de Villa-Viçosa a Benavente na guarda das sepulturas e mais pedraria se pagaram quatro mil e duzentos reaes: importando toda a conta d'esta pedra duzentos e vinte e quatro mil novecentos e sessenta reaes, que a rainha mandou levar em conta ao thezoureiro de sua casa, por provisão ou desembargo de 25 de junho de 1571, e de que Jeronymo Ruão passou conhecimento a 5 de julho.

Conhece-se a diligencia que Jeronymo de Ruão empregou na construcção da capella, porque já a 21 de março do referido anno se mandavam pagar vinte mil reaes ao *fundidor Simão da Rosa para começar a fazer as laminas de latão para as grades das vidraças* da capella; a 11 de julho se mandavam dar ao serralheiro Aleixo Pires *quarenta mil reaes á conta do que ha-de haver pelas grades de ferro que faz para as vidraças das oito frestas da referida* capella, e finalmente a 13 de dezembro de 1571, justamente cincoenta annos de-

pois da morte d'el-rei D. Manoel, fundador do mosteiro, mandava a rainha pagar a *Diogo Fernandes, latoeiro e passavante d'el-rei seu neto, cincoenta mil reaes, á conta do que elle e Simão Feo, outrosim latoeiro hão-de-haver pelos balaustres que fazem para a Capella-mor de Belem, conforme seu contrato.*

Pelo que dizemos e consta de documentos authenticos de que temos copia, fica demonstrado quem foi o architecto da capella-mór, e conhecidos alguns artistas e outros elementos empregados na sua construcção.

II

A egreja dos Jeronymos como jazigo real

(por Alvará de 16 de julho de 1604)

Ao descrever as diversas sepulturas da egreja dos Jeronymos vê-se que fr. Jacinto de S. Miguel não teve conhecimento do notavel diploma regio, que fez considerar a grande fabrica d'aquelle mosteiro como jazigo dos reis e principes da Casa real portugueza. É de admirar e extranhar esta ignorancia n'um frade, que tanto manuseou o cartorio do Convento, seus livros e diplomas, onde, como se vê do Alvará, este devia estar registado. Parece que os frades, esquecendo os grandes donativos, prerogativas e beneficios que por aquelles lhe haviam sido conferidos, tinham permittido a inhumação de cadaveres de seculares ou de individuos extranhos ao mosteiro em alguma parte d'elle, e tendo chegado tal facto ao conhecimento do monarcha reinante, este expediu e fez publicar o documento que se segue; sendo de notar que foi o 2.º dos Filippes quem se lembrou de consignar em ordenação escripta e de effeito permanente, o que apenas estava tacitamente intendido. Eis o Alvará:

Eu el Rey faço saber aos que este meu Aluara virẽ que eu fui informado que no mosteiro de nossa senhora de Bellem da ordem de Sam Hieronimo sito no lugar de restello junto a Cidade de Lisboa, se derão algũas

sepulturas pera enterros perpetuos, como pera depositos de pessoas particulares, e porque sendo o dito mosteiro de fundação Real se não podião de nenhũa maneira dar as ditas sepulturas, nem he conueniente, e nem descente que as aja nelle por ser enterro e jazigo dos senhores Reis meus predecessores, querendo eu prouer nisso para que de todo cesse esta indecencia e desordem que o tempo foi introduzindo; ei por bem e mando que daqui en diante não possão en todo o corpo da Igreja do dito mosteiro, Capellas e crastas delle ser sepultados nem depositados corpos ou ossos de pessoas algũas de qual *(quer)* condição e calidade que sejão, e somente se poderão sepultar nas crastas os Religiosos do dito Conuento, o que tudo como dito he comprirão inteiramente os Prellados, Priores, e mais Relligiosos delle que agora são e os que ao diante suçederem e fazendo o contrario (o que se não deue esperar delles) me auerei disso por mui desseruido; e pera que venha a noticia de todos, e em nenhũ tempo possão alegar, nem pretender *(alegar?)* ignorancia, mando ao doutor Pero Barbosa do meu Conselho e meu Chanceller mor faça poblicar este meu Aluara na Chancellaria e noteficallo ao Prior do dito Conuento que agora he, pera que se registe de verbo ad verbum nos Liuros do Cartorio delle de que passará certidão nas costas, e este Aluara proprio ficara na Chancellaria, e o traslado em publica forma se lançará na torre do tombo e ei por bem que valha e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum ano sem embargo da ordenação en contrario. Domingos de medeiros o fez em Valhadolid a xbj de julho de jbj e quatro e eu o Secretario fernão de matos o fiz escreuer.

foi poblicado na Chancellaria o Aluara de Sua magestade atras escrito por mim gaspar maldonado escriuão della perante os officiaes da dita Chancellaria e outra muita gente que vinha requerer seu despacho em Lisboa a 27 de julho de 604 annos.[1]

Gaspar maldonado

[1] Arch. da Torre do Tombo. Liv. II de Leis, fol. 69 v.

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIA

Almanach para o anno de 1794. Lisboa, na off. da Academia real das sciencias, in-12, de 547 pag.

Vid. pag. 528.

(Em todos os almanachs litterarios, guias, roteiros, etc., de Lisboa se encontram pequenas descripções do extincto convento de Belem.)

Annales d'Espagne et de Portugal, contenant tout ce qui s'est passé de plus important dans ces deux Royaumes & dans les autres parties de l'Europe, de même que dans les Indes Orientales & Occidentales, depuis l'établissement de ces deux monarchies jusqu'a présent, avec la description de tout ce qu'il y a de plus remarquable en Espagne & en Portugal, leur etat present, leurs interets, la forme du gouvernement, l'etendue de leur commerce, &c., le tout enriche de cartes geographiques, & de très belles figures en taille -douce. Amsterdam, chez François l'Honoré & Fils, 1741. Quatro tomos in-4.°.

Vid. tomo III, pag. 272.

Anno historico, diario portuguez, noticia abreviada das pessoas grandes, & cousas notaveis de Portugal, etc., composto por Francisco de Santa Maria. Lisboa, 1714 a 1744. Tres volumes 4.° gr.
Vid. vol. III, pag. 486.

Archivo pittoresco. Semanario illustrado. Lisboa, typ. de Castro Irmão, 1858 a 1868. Onze volumes 4.° gr.
Vid. vol. VI, pag. 1 e 249; vol. VII, pag. 33; vol. VIII, pag. 241; vol. IX, pag. 229. (Artigos do fallecido academico Ignacio de Vilhena Barbosa.)

Arte portugueza. Revista illustrada de archeologia e arte moderna.
Vid. n.° 6, pag. 142. Artigo do sr. Gabriel Pereira.

Artes e letras. Lisboa, typ. Sousa e Filho e Imp. Nacional, 1872 a 1875. Quatro volumes 4.° gr.
Vid. vol. II, pag. 77, 108 e 124.

Art (L') Catholique.

Arts (Les) en Portugal. Lettres addressées a la Société artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documens, par le comte A. Raczynski. Paris, imprimé chez Paul Renouard, 1846, 8.° de 548 pag.
Vid. pag. 107, 220, 230, 240, 241, 287, 288, 329, 330, 331, 342, 343, 350, 408, 435, 440 e 498.

Asia de Joam de Barros dos fectos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente. Lisboa, por German Galhard, 1556 a 1615, fol. max. Segunda edição, ibid., por Jorge Rodrigues, 1628. Terceira (só a primeira de-

cada), ibid, na off. de Pedro Ferreira, 1752 e quarta edição, ibid., na Regia off. typ., 1777 a 1778.
Vid. decada primeira, livro sexto.

Baukunst (Die) der renaissance in Portugal von den Zeiten Emmanuel's des Glücklichen bis zu dem Schlusse der spanischen Herrschaft. Erster Band. Lissabon und Umgegend von Albrecht Haupt, Architekt, Privatdozent der königlichen technischen Hochschule zu Hannover. Frankfurt a M. Hofbuchdruckerei der Gebrüder Jänecke in Hannover, 1890. 4.° de v–151–4 pag. Zweiter Band. Das Land. Von Albrecht Haupt, Dr. Phil., Professor, Architekt zu Hannover. Frankfurt a. M. Drulk von th. Schäfer in Hannover, 1895. 4.° de iv–166-5 pag.
Vid. vol. i, pag. 82.

Bes-chryving van Spanjen en Portugal; waar in, op het naauwkeurigste, al het geene, dat, zooten oprigte van hunnen ouden, als tegenwoordigen staat, aanmerkens-waardig, noodig en vermaakelijk om te weeten is, verhaald en door kunstige Print-verbeeldingen en Land-Kaarten aangeweezen werd; Dienende daar-en-boven, voor een kort begrijp der voornaamste Geschiedenissen, Staats-gevallen, Regten, Zeden en Gervoontens deezer magtige Honingrijken, en eyndelijk, tot een duydelijke Weg-wijzer, om alle der zelver Landschappen, Grens-paalen, Steeden, Vlekken en Dorpen, op het kortste, veyligste en gemakkelijkste, te bereyzen. Te Leyden, by Pieter Vander A a, Boekverkoper; mdccvii, fol.
Vid. pag. 30.

Boletim architectonico e de archeologia da real Associação dos architectos e archeologos portuguezes.
Vid. tomo i, pag. 58; tomo iv n.° 1; tomo v n.° 6.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.
Vid. 6.ª serie n.os 9, 10 e 11; 13.ª serie n.os 9 e 10.

Casa (Real) Pia de Lisboa. Breve historia da sua fundação grandeza e desenvolvimento de 1780 até ao presente, por Cesar da Silva, professor bibliothecario do estabelecimento. Com um prefacio de Theophilo Braga. Lisboa, typ. Brito Nogueira, 1896. 8.º de xv–189–2 pag.

Chronica do felicissimo rei Dom Emmanuel, composta por Damião de Goes, dividida em quatro partes. Lisboa, por Francisco Correa, 1566–1567. Quatro volumes fol.—Segunda idição, ibid., por Antonio Alvares, 1619.—Terceira edição, ibid., na off. de Miguel Manescal da Costa, 1749.—Quarta edição, Coimbra, na off. da Universidade, 1790.
Vid. parte 1.ª, cap. 53 e parte 4.ª, cap. 35.

Chronica do Maximo Doutor e Principe dos Patriarchas São Jeronymo Particular do Reyno de Portugal, Devedida em dous Tomos. Consta o primeyro da sua vida, Mosteyros, que fundou em Roma, e Palestina, varoens illustres em virtudes, e Letras, que nelles florecerão; e da continuação deste sagrado instituto em França, Italia, Castella, e Luzitania. Manifesta o segundo a sua suscitação neste Reyno, do Mosteyro do Santo Sepulchro de Florença, continuada de Bellem da Palestina, fundaçoens dos seus Mosteyros, e varoens illustres em virtude, e Letras, e das suas virtuozas Monjas do Mosteyro de Jesus de vianna do Alem-Tejo. Dedicados Ao Augustissimo Senhor Rey de Portugal D. João V. pello Padre Mestre Doutor Fr. Manoel Bautista de Castro Monge de São Jeronymo, e pro-

fesso do Real Mosteyro de Bellem. Mss. fol., existente na Torre do Tombo, Cod. n.º 729.

No tomo segundo livro setimo, e abrangendo sessenta e quatro capitulos, encontra-se a historia do mosteiro de Belem e de seus varões insignes, mas tão cheia de erros e incorrecções que por mal acertado anda o que a seguir.

Devo aqui consignar como aviso a futuros investigadores que o exemplar está completo, isto é, tem os dois volumes, apesar de já se fazer imprimir o contrario, ou seja faltar o segundo volume.

Colleçam das obras portvgvezas do sabio bispo de Miranda e de Leyria D. Antonio Pinheyro pregador do Senhor Rey D. Joam III. e mestre do principe, feita por Bento Joze de Sovza Farinha. Tomo I. Lisboa, na off. de Filippe da Silva e Azevedo, M.DCC.LXXXIIII. 8.º de 8–255 pag. Tomo II, ibid., na off. de Joze da Silva Nazareth, M.DCC.LXXXV. 8.º de 174 pag.

Conclusão (A) do edificio dos Jeronymos — Parecer da *Commissão nacional de monumentos,* approvada em sessão de 23 de junho de 1897. Lisboa, Imp. Nacional, 1897. 8.º de 34 pag. *Foi relator d'este parecer o sr. Ramalho Ortigão.*

Corografia portugueza, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, etc., pelo padre Antonio Carvalho da Costa. Lisboa, na off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706 a 1712. Tres volumes fol. Vid. vol. III, pag. 655.

Correio da Manhã, n.os 243, 244, 246, 250 e 254, de 2, 3, 6, 10 e 15 de abril de 1897. Artigos do sr. Emygdio Monteiro, ácerca d'*A Restauração dos Jeronymos.*

Culto (O) da arte em Portugal, de Ramalho Ortigão. Lisboa, typ. da Academia real das sciencias, 1896. 8.° de 176 pag.

Delicies (Les) de l'Europe & du Portugal, où on voit une description exacte des antiquitez, des provinces, des montagnes, des villes, des rivieres, des ports de mer, des fortalesses, eglises, academies, palais, bains, &c de la religion, des moeurs des habitans, de leurs fêtes, & généralement de tout ce qu'il y a de plus remarquable; le tout enrichi de cartes geographiques, très-exactes & de figures en taille-douce, dessinées sur les lieux mêmes, par Don Juan Alvarez de Colmenar. Nouvelle edition revûes corrigée & beaucoup augmentée. A Leide, Chez Pierre Vander Aa, MDCCXV. Seis volumes 8.°.

Vid. vol. VI, pag. 766.

Descoberta (A) do Brazil por Faustino da Fonseca. Lisboa, typ. da Empreza do jornal «O Seculo», 1900. 8.° de 262–5 pag.

Descripção de Portugal, apontamentos, e notas da sua Historia Antiga, e Moderna, Ecclesiastica, Civil, e Militar. A. F. M. DF. C. DC. DP. EA. Lisboa, na off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXXXVIII. 8.° de XXXI–242 pag.

A pag. 189 encontra-se em nota uma pequena noticia do mosteiro. É auctor d'esta obra o P. Fr. Manuel de Figueiredo.

Descripção do real mosteiro de Belem com a noticia da sua fundação pelo Abbade A. D. de Castro e Souza. Lisboa, na typ. de A. J. S. de Bulhões, 1837. 4.° de 24–1 pag. e uma estampa. Segunda edição mais correcta e augmentada, com o retrato

de D. Manuel sc. por J. J. S., e o fac-simile da sua assignatura. Lisboa, typ. de A. S. Coelho, 1840. 8.º de 74-1 pag.

Dia (O). Lisboa, 4 de agosto de 1900.

Diario do Governo, 1845.
Vid. n.º 86, pag. 400.

Diario de Noticias. 7.º anno, 1871, mez de março.
Vid. n.ºs 1858, 1861, 1863, 1865, 1868, 1870 e 1872.
33.º anno, 1897, mez de maio.
Vid. n.º 11:293.

Diario Illustrado. Vid. n.º 2537 de 9 de junho de 1880, e n.º 8727 de 6 de junho de 1897.

Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal coordenado por Sousa Viterbo e publicado por indicação da Commissão dos monumentos. Vol. I, A-G. Lisboa, Imp. Nacional, 1899. 8.º gr. de XIV-584 pag.
Vid. pag. 120, n.º 88 e 523, n.º 88 bis.

Diccionario Popular, historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario dirigido por Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa, 1876 a 1890. 16 vol. 4.º.
Vid. vol. III, pag. 237.

Discurso (Herculano) no templo de Belem, por Alves Mendes (Trasladação das cinzas do grande historiador) 28-6-1888. Porto, typ. de A. J. da Silva Teixeira, 1888. 8.º gr. de 55 pag.

Egreja (A) da Conceição Velha e varias noticias de Lisboa por Filippe Nery de Faria e Silva. Lisboa, imp. de Libanio da Silva, 1900. 8.º gr. de 206 pag.

Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'œil, sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hemisphères. Dédié a Sa Magesté Très-Fidèle, par Adrien Balbi, ancien professeur de géographie, de physique et de mathématiques, membre correspondant de l'Athénée de Trévise, etc. etc. Tome premier. Paris, imprimerie de Cosson, 1822. 8.º de LII–480 pag. Tome second, ibid. de 272 pag., e um appendice com CCCLXVIII pag.

A pag. 180 do segundo volume sob o titulo Description des environs de Lisbonne, traz um artigo sobre o mosteiro dos Jeronymos.

Étude sur quelques monuments portugais, d'après des notes de M. le C.r da Silva,... par MM. Paul Sédille et Charles Lucas, architectes. Paris, Imprimerie Nationale, M DCCC LXXXI. 8.º gr. de 23 pag.

Vid. pag. 3.

Europa portugueza. Segunda edicion correta, ilustrada y añadida en tantos lugares, y con tales ventajas, que es labor nueva por Manuel de Faria e Sousa. Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, 1678 a 1680. Tres volumes fol.

Vid. vol. II, pag. 509 a 511.

Exposição (A) industrial de Belem em 1893, por A. E. de F. Cavalleiro e Sousa. Lisboa, 1894.

Flores de España excelencias de Portvgal. En que breuemente se trata lo mejor de sus historias, y de todas las del munde desdo su principio hasta nuestros tiempos, y se descubrem muchas cosas nueuas de prouecho, y curiosidad. Primeira parte a la Magestad del rey Catholico de las Españas Don Phelipe IIII. nuestro Señor. Por Antonio de Sousa de Macedo su moço Fidalgo, y Cauallero del habito de Christo. En Lisboa, impressas por Jorge Rodrigues, 1631. 4.º de 14–252 folhas.—Segunda edição, Coimbra, na off. de Antonio Simões Ferreira, 1737. 4.º.

Vid. cap. 8.º Exc. 11, n.º 9 a folhas 71.

Gazeta de Obras Publicas, 1898. N.º 177 e seguintes.

Com o titulo Belem *começou o sr. C. Gomes a publicar n'este semanario a traducção da* Mémoire sur Belem *do fallecido architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva.*

Glorias de Portugal dedicado a Sua Magestade El-rei o senhor D. Fernando—Collecção de monumentos, edificios notaveis, pontos de vista, factos historicos e homens illustres de Portugal. Parte litteraria do dr. Ribeiro Guimarães; desenhos do proprietario da Empreza, Luiz Gruder.

Vid. no n.º 2? o artigo Claustro do mosteiro dos Jeronymos (Belem) *acompanhado de uma estampa representando o* Claustro do mosteiro dos Jeronymos Belem. *O artigo está traduzido em francez e inglez, promettendo a continuação no n.º seguinte, o que não se realizou por terminar a publicação.*

Graphic (The).

Vid. vol. XXII, n.º 554 de 10 de julho de 1880.

Histoire des decouvertes et conquetes des portugais dans le nouveau monde avec des figures en taille-douce, par le R. P. Joseph François Lafiteau de la Compagnie de Jesus. Paris, MDCCXXXIII. Dois volumes in-4.° de XXIV–616–47, 693–89 pag.

Vid. vol. I, pag. 118.

Historia de Portugal desde o começo do reinado d'El-rei D. João II (1481) até á actualidade; para servir de continuação á traducção da do D.or Henrique Schœffer, organisada por Joseph Lourenço Domingues de Mendonça. Lisboa, na typ. de José Baptista Morando, 1842 a 1847. Treze volumes 8.°.

Vid. no appendice ao vol. VIII a *Noticia historica acerca do sumptuoso mosteiro de Sancta Maria de Bethelem.*

Historia de Portugal popular e illustrada por Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa, 1899. 8.°.

Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa. Tomo X, Parte I. Lisboa, na typ. da mesma Academia, 1827. 4.° de XXXV–276 pag.

Vid. pag. 219.

Historia genealogica da casa real portugueza, desde a sua origem até o presente, com as familias illustres que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos e escriptores de inviolavel fé e offerecida a elrei D. João V Nosso Senhor por D. Antonio Caetano de Sousa. Lisboa Occidental, na off. de Joseph Antonio da Sylva, 1735–1748. Doze volumes in-4.° gr. Provas da Historia genealogica etc., ibid., na regia off. Silviana, 1739–1748. Seis volumes 4.° gr. Indice geral, ibid., 1749. Um volume 4.° gr.

Historia geral de Portugal, e suas conquistas; offerecida á rainha nossa senhora D. Maria I, por Damião Antonio de Lemos Faria e Castro. Lisboa, typ. Rollandiana, 1786–1804. Vinte tomos 8.º.— Nova edição, ibid., 1830–1831. Vinte tomos 8.º.
Vid. tomo IX.

Illustração jornal universal. Lisboa, 1845–1846. Dois volumes fol.
Vid. vol. I, n.º 2, pag. 17.

Illustração portugueza. Lisboa, 1884–1890.
Vid. n.º 6.

Imprensa (A). Revista scientifica e artistica. Lisboa, Imp. Nacional, 1885. Dois volumes 4.º gr.
Vid. n.os 50 e 53. Artigos do sr. Cesar da Silva, ácerca d'*O claustro dos Jeronymos.*

Instituto (O). Revista scientifica e litteraria. Coimbra, Imp. da Universidade.
No n.º 3 do vol. 45 (1898) a pag. 182 começou o sr. Cesar da Silva a publicar uma conferencia que tinha feito na Academia de Estudos Livres, a que deu o titulo de: Reconstrucção dos Jeronymos, *e cuja publicação continuou no n.º 6, pag. 369, n.º 7, pag. 426 e n.º 8, pag. 495 a 500 em que termina aquelle seu apreciado estudo.*

Itenerario, que os extrangeiros, que vem a Portugal, devem seguir na observação, e exame dos edificios, e monumentos mais notaveis d'este reino; pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa, Academico honorario, etc. Lisboa, typ. da Historia de Hispanha, 1845. 8.º de 46 pag.

Encontra-se uma pequena noticia do mosteiro dos Jeronymos a pag. 14.

Jornal do Commercio.
Vid. n.os 3834, 3835 e 3837 a 3841 de 3, 4 e 7 a 11 de agosto de 1866.

Lembranças da vida do cardeal D. Henrique, pelo licenciado Francisco Galvão Machado.

Lendas da India, por Gaspar Correa. Lisboa, na typ. da Academia real das sciencias, 1858–1866. Quatro tomos in-4.°.

Lusiad (The) of Camoens translated into english spenserian verse by Robert Ffrench Duff. Lisbon, National Printing Office, 1880. 8.° de xlviii–1–506–3 pag. e 16 est. *De pag. 449 a 450 vem uma pequena noticia:* The cloister of the monastery at Belem, *acompanhada de uma estampa do claustro.*

Lvsiadas de Lvis de Camoens, principe de los poetas de España. Al Rey N. Señor Felipe Qvarto el Grande. Commentadas por Manvel de Faria i Sousa. Madrid, 1639. Quatro vol. fol.
Vid. vol. ii, pag. 406, cant. 4.°, est. 87.

Lusitana (A formosa).
Vid. Lusitania (Fair).

Lusitania (Fair) by Catherine Charlotte Lady Jackson. With twenty illustration from photographs. London, 1874. 8.° de xii–406–1 pag.
Vid. pag. 391.
Esta obra foi traduzida em portuguez e sahiu com o titulo seguinte:

A formosa Lusitana, por Catharina Carlota Lady Jackson versão do inglez, prefaciada e annotada por Camillo Castello Branco. Porto, typ. Occidental, 1877. 8.º de 448-2 pag.

Magasin (Le) Pittoresque. Paris, 1833 a 1886. Cincoenta e quatro tomos 4.º.

Vid. tom. VI, pag. 225.

Mappa de Portugal... pelo P. João Baptista de Castro. Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, 1745–1758. Cinco volumes 8.º.—Segunda edição, ibid., na off. de Francisco Luiz Ameno, 1762–1763. Tres volumes 8.º.—Terceira edição muito accrescentada, por Manuel Bernardes Branco, ibid., typ. do Panorama, 1870.

Vid. pag. 210 e 333 da quinta parte.

Mémoire descriptif du project de la restauration pour l'église monumentale de Belem à Lisbonne, et le modèle en bois fait pour l'exposition universelle de Paris, par Joaquim Possidonio Narciso da Silva. Lisbonne, typ. da Gazeta de Portugal, 1867. 8.º de 7 pag.

Monumentos nacionaes. Texto, por J. da Silva Mendes Leal. Photographias, por Henrique Nunes. Lisboa, typ. Franco-Portugueza, 1868. 8.º gr. de VIII–198 pag. e seis photographias.

Vid. pag. 35 e seguintes.

Mosteiro dos Jeronymos. Historia da sua origem e rapida descripção de suas bellezas, por Cesar da Silva. Com um prefacio do ex.mo sr. F. S. Margiochi. Lisboa, typ. e lith. Brito Nogeira, 1897. 8.º de 80 pag. e uma estampa.

Museu litterario, util e divertido. Lisboa, na Imp. Regia, 1833. 4.º de 416–3 pag.

Vid. 1.º numero, pag. 31, o artigo: *Noticia de Belem, sitio annexo a Lisboa.*

Nossa Senhora do Restello os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha. Lisboa, typ. Casa Portugueza, 1897. 8.º de 119 pag.

Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem. Com um glossario de varios termos respectivos principalmente á architectura gothica. Lisboa, na typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1842. 8.º gr. de 6–41–12 pag. e uma estampa.

O auctor d'esta brochura foi Francisco Adolpho de Varnhagem, que antes a tinha publicado no jornal «O Panorama» *de 1842.*

Vid. «O Panorama».

Occidente (O) Revista illustrada de Portugal e do extrangeiro. Lisboa, 1878 a 1901.

Vid. n.ºs 26, 52 a 54, 64 a 70, 72, 95, 96, 99, 101, 102, 104, 145, 211, 212, 214, 218, 219, 343, 348, 548 e 685 a 688.

Oeuvres complètes de Edgar Quinet—Mes vacances en Espagne; de l'Histoire des épopées françaises inédites du douzième siècle. Paris, imp. Simon Raçon et Comp., 1857. 12 de 427 pag.

Vid. pag. 235 e seguintes.

Opusculos por A. Herculano. Lisboa, Imp. Nacional, e Coimbra, imp. da Universidade, 1873–1884. Seis tomos. 8.º.

Vid. tomo II.

Panegyrico funebre nas exeqvias delrey D. Manoel, dito na Santa Casa da Misericordia a 13 de Dezembro de 1725 e dedicado ao excellentissimo senhor Manoel Telles da Sylva, marquez de Alegrete, conde de Villar mayor, Gentil-homem da Camera delRey nosso Senhor, e Secretario da Academia Real, por D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular. Lisboa Occidental, na Officina da Musica, M.DCC.XXX. 8.º de 12–23 pag.

Panorama (O) jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis. Lisboa, 1837 a 1868. Dezoito volumes in-4.º gr.

Vid. os artigos a pag. 58, 66, 73, 99, 109, 126, 130 e 138 do 6.º volume, os quaes apesar de serem publicados anonymos sairam da penna do fallecido escriptor Francisco Adolpho de Varnhagem. Estes mesmos artigos foram depois, com algumas annotações publicados em folheto com o titulo de Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem.

Vid. vol. VII, pag. 385.

Panorama photographico de Portugal publicado sobre a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro. Coimbra, typ. do Paiz, 1871. 8.º de 140 pag. e 12 photographias.

Volume II. Coimbra, imp. da Universidade, 1872. 8.º de 116 pag. e 12 photographias.

Vid. pag. 29 o artigo—O Templo de Belem—*de F. A. Rodrigues de Gusmão, acompanhado de uma photographia da porta travessa do mesmo templo.*

Volume III. Ibid., 1873. 8.º de 96 pag. e 12 photographias.

Vid. pag. 81 o artigo—Porta principal da egreja de Santa Maria de Belem—*de A. Filippe Simões, acompanhado de uma photographia da porta principal do mosteiro.*

Volume IV. Ibid., 1874. 8.º de 96 pag. e 12 photographias.

Vid. pag. 1 o artigo—Claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belem—*de A. Filippe Simões, acompanhado de uma photographia do claustro.*

PORTUGAL, par M. Ferdinand Denis, conservateur a la Bibliothèque Sainte-Geneviève. Paris, typ. de Firmin Didot Frères, M DCCC XLVI. 8.º de 439 pag. e 32 estampas.

Encontra-se a pag. 399 e subordinado ao titulo de «Couvent de Belem», *um artigo ácerca d'este mosteiro, e a estampa 24 representando a fachada lateral do mesmo mosteiro.*

PORTUGAL. Recordações do anno de 1842, pelo principe Lichnowsky. Traduzido do allemão. Lisboa, na Imp. Nacional, 1844. 8.º de VII–207 pag.

Vid. pag. 98.

PORTUGAL antigo e moderno. Diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico, etc., por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal. Lisboa, 1874 a 1890. Doze volumes 8.º.

Vid. vol. I, pag. 368.

PORTUGAL Artistico.

Vid. os artigos com o titulo seguinte: *Egreja de Santa Maria de Belem, e Porta principal da egreja de Belem.*

Portugal e os Estrangeiros. Estudos de Manuel Bernardes Branco. Lisboa, Imp. Nacional, 1879 a 1895. Cinco volumes 8.°.

Vid. vol. I, pag. 86, 87, 94, 470 e 514, e vol. II, pag. 105 e 247.

Portugal Pittoresco ou Descripção historica d'este reino, por M. Fernando Denis. Publicada por uma sociedade. Lisboa, typ. de L. C. da Cunha, 1846 a 1849. Quatro volumes. 4.° de 407–6 pag. e 20 estampas; 394–5 pag. e 10 estampas; 432–3 pag. e 9 estampas; 401–3 pag. e 25 estampas.

No vol. IV, *a pag. 331, vem um extenso artigo acompanhado de uma estampa, ácerca do mosteiro dos Jeronymos.*

Portuguezes fora de Portugal—Uma Sobrinha do Infante Imperatriz da Allemanha e Rainha da Hungria, por Luciano Cordeiro. Lisboa, Imp. Nacional, 1894. 8.° de 220–1 pag.

Vid. pag. 122.

Separata do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 13.ª serie (1894), n.os 9 e 10.

Positivismo (O). Revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos. Porto, 1879 a 1882. Quatro volumes. 8.° de 483, 523, 449, 504 pag.

Vid. vol. III, pag. 129 o artigo do sr. dr. Theophilo Braga: *Gil Vicente, ourives e poeta.*

Provas da Historia genealogica.

Vid. *Historia genealogica,* por Antonio Caetano de Sousa.

Recreaçam proveytosa... por Custodio Jesam Baratta *(pseudonymo de João Baptista de Castro).* Lisboa occidental, na off. de Antonio Pedroso Galram,

1728. 8.º de 32–366 pag. Segunda parte, ibid., 1729. 8.º de 16–432 pag.

Vid. Segunda parte, pag. 415.

Recreativo (O). Jornal semanario. Primeiro volume. Lisboa, typ. de M. F. de Figueiredo, 1839. 4.º. Sahiram 48 numeros com 7–382 pag.

Vid. pag. 17.

Revista litteraria do Porto. Porto, 1877.

Vid. n.º 23, de 16 de dezembro de 1877, pag. 179.

Revista Moderna. Lisboa, 1889.

Revista pittoresca e descriptiva de Portugal com vistas photographicas. Publicação feita sob os auspicios de SS. MM. El-Rei o Senhor D. Luiz I e El-Rei o Senhor D. Fernando II, de Suas Altezas e de S. M. Imperial a Sr.ª Duqueza de Bragança, pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. Lisboa, 1862.

Sanctuario Marianno, por Fr. Agostinho de Santa Maria. Lisboa, por Antonio Pedrozo Galrão, 1707 a 1723. Dez tomos 4.º.

Seculo (O), n.ºs 5257, 5261 a 5265, de 4, 8 a 12 de setembro de 1896; n.º 5634 de 19 de setembro de 1897 e 5670 de 25 de outubro do mesmo anno.

Sitio (Do) de Lisboa. Dialogo de Lvis Mendez de Vasconcelos. Lisboa, na off. de Luys Estupiñan, M.DC.VIII. 8.º de 10–242–21 pag.

Vid. pag. 3.

Segunda edição. Lisboa, na off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXXXVI. 8.º peq., pag. 2.

Terceira edição. Lisboa, na Imp. Regia, M.DCCC.III. 8.º peq., pag. 3.

Svmmario da Pregaçam Funebre, que o doutor Antonio Pinheiro pregador del Rey, N. S. fez por seu mandado: no dia da Trasladação dos ossos dos muitos altos & muito poderosos principes el Rey dõ Manuel seu pay, & a Rainha dona Maria sua mãy de louuada memoria, derigido aa muyto alta & muyto poderosa Rainha dona Caterina. N. S. Visto pela sancta Inquisição. Impresso em Lixboa em casa de Germão galhard, Imprimidor del Rey N. S. 1551. 8.º meio gothico de xxx folhas.

Foi incorporado na edição das obras de Antonio Pinheiro feita por Bento Farinha, onde se encontra no começo do vol. I.

Vid. Collecção das obras portuguezas, etc.

Summario de varia historia. Narrativas, lendas, biographias, descripções de templos e monumentos, estatisticas, costumes civis, politicos e religiosos de outras eras, por Ribeiro Guimarães. Lisboa, imp. de Sousa Neves, 1872 a 1875. Cinco volumes 8.º.

Vid. no vol. III, pag. 1, *uma circumstanciada noticia ácerca do mosteiro de Santa Maria de Belem.*

Svmmario ẽ qve brevemente se contem algvas covsas assi ecclesiasticas como secvlares qve ha na cidade de Lisboa. Com preuilegio Real. *No fim:* Foy Impresso o presente Summario em Lisboa nouamente em casa de Germão Galharde Impremidor del Rey nosso senhor s. d. (1551) 8.º de 5o folhas não numeradas.

Vid. folha 31.

Segunda edição addicionada por Manoel da Conceição. Lisboa, no off. de Miguel Rodrigues, M.DCC.LV. 4.º de 12–199 pag.

Vid. pag. 78 a 80.

Tarde n.º 2606 de 7 de agosto de 1896.
Vid. artigo — *Os Jeronymos.*

Universo pittoresco — Jornal de instrucção e recreio. Lisboa, Imp. Nacional, 1839 a 1844. Tres volumes. 4.º de x-384, 384-2, 384-2 pag.

No vol. I, *pag. 49, vem um artigo intitulado* — Mosteiro de Belem — *acompanhado de uma estampa lithographada representando o* — Interior da egreja de Belem.

Vol. II, *pag. 209, um artigo* — A frente da egreja e a portaria do mosteiro de Belem — *com uma estampa lithographada* — Frontaria da egreja de Santa Maria de Belem.

No mesmo volume, pag. 273, outro artigo — O Claustro do mosteiro de Santa Maria de Belem — *com uma estampa litographada* — Claustro do mosteiro de Santa Maria de Belem.

No vol. III, *pag. 241, novo artigo* — A porta principal da egreja de Santa Maria de Belem — *tambem acompanhado de uma estampa lithographada* — Porta principal da egreja de Santa Maria de Belem — *em Lisboa.*

Vasco (D.) da Gama e a villa da Vidigueira. Bosquejo historico, por A. C. Teixeira d'Aragão. Lisboa, typ. Universal, 1871. 8.º de 46-1 pag. e o retrato de D. Vasco. Tinha antes (março de 1871) sido publicado no Diario de Noticias. Depois em 1886 no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que se fez separata em 1887 de 114 exemplares, e posteriormente nova edição. Lisboa, Imp. Nacional, 1898. 8.º gr. de xxxvii-303-1 pag. e 10 estampas.

Vesperas do Centenario — As obras dos Jeronymos — Parecer apresentado á Commissão dos monumen-

tos nacionaes em sessão de 7 de novembro de 1895, pelo seu Vice-Presidente, Luciano Cordeiro. Lisboa, 1895. 8.° de 27 pag.

Vida (La) de S. Geronimo Doctor de la Santa Iglesia. En Madrid, por Thomas Junti, M.D.XCV. 4.° de 12–795–16 pag.— Segunda parte, ibid., en la Imprenta Real, M.DC. 4.° de 25–767 pag.— Terceira parte, ibid., M.DC.V. 4° de 12–899–30 pag.

Vid. cap. XVII, pag. 84 da terceira parte.

Views (Select) of some of the principal cities of Europe. From Original Paintings, by Lieut. Col.[1] Batty, F. R. S. With Illustrative Notices London: Moon, Boys, and Graves. Printsellers to the King, Pall Mall, 1832. 4.°.

Voyage en Portugal a travers les provinces d'Entre-Douro et Minho, de Beira, d'Estramadure et d'Alenteju, dans les années 1789 et 1790; contenant des Observations sur les Moeurs, les Usages, le Commerce, les Édifices publics, les Arts, les Antiquités, etc. de ce Royaume. Traduit de l'anglais de Jacques Murphy, architecte. Orné de planches. A Paris, Chez Denné jeune, 1797. 4.° de XVI–346 pag. e 23 estampas.

Vid. pag. 194.

Voyage Pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la cote d'Afrique, de Tanger a Tetouan, par J. Taylor... Paris, imprimerie de J. Smith, M.DCCC.XXVI. 4.°.

Começou-se a impressão

NA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Aos dez dias do mez de Junho do

anno

M DCCCC

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00019 1383